



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL**

**SAULO VILAR DE CAMPOS SILVA**

**TRATADOS, TRIBUTOS E TRATANTES (1808-1817): navegando, arruando e  
cavalgando pelos caminhos atlânticos do luso-britânico Henry Koster, nas capitanias de  
Pernambuco**

**RECIFE – PE**

**2023**

SAULO VILAR DE CAMPOS SILVA

TRATADOS, TRIBUTOS E TRATANTES (1808-1817): navegando, arruando e cavalgando pelos caminhos atlânticos do luso-britânico Henry Koster, nas capitanias de Pernambuco

Relatório técnico para apresentação de produto à banca do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial de desempenho para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar

RECIFE – PE

2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

S586t Silva, Saulo Vilar de Campos

Tratados, tributos e tratantes (1808-1817) : navegando, arruando e cavalgando pelos caminhos atlânticos do lusobritânico Henry Koster, nas capitanias de Pernambuco / Saulo Vilar de Campos Silva, 2023.

59 f. : il.

Orientador: Tiago da Silva Cesar

Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História.

Mestrado Profissional em História, 2023.

1. Pernambuco – História. 2. Capitalismo. 3. Nacionalismo.

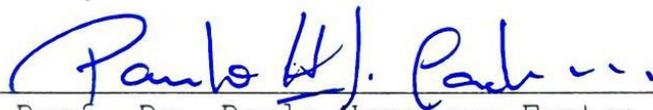
4. Multiculturalismo. 5. Koster, Henry, 1793-1820. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

SAULO VILAR DE CAMPOS SILVA

TRATADOS, TRIBUTOS E TRATANTES (1808-1817): NAVEGANDO, ARRUANDO E CAVALGANDO, PELOS CAMINHOS ATLÂNTICOS DO LUSO-BRITÂNICO HENRY KOSTER, NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO



Prof. Dr. Paulo Henrique Fontes Cadena



Prof. Dr. George Felix Cabral de Souza



Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar  
Presidente da Banca Examinadora

Recife, 27 de fevereiro de 2023.

Há quatro séculos que o massapê do Nordeste puxa para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens, as patas dos bois, as rodas vagarosas dos carros, as raízes das mangueiras e das jaqueiras, os alicerces das casas e das igrejas, deixando-se penetrar como nenhuma outra terra dos trópicos pela civilização agrária dos portugueses. (Gilberto Freyre)

Aquela uniformidade cultural e esta unidade nacional- que são, sem dúvida, a grande resultante do processo de formação do povo brasileiro – não devem cegar-nos, entretanto para disparidades, contradições e antagonismos que subsistem debaixo delas como fatores dinâmicos da maior importância. (Darcy Ribeiro)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho concretizou-se com a ajuda de muitas pessoas, umas que acompanharam todo o processo, e outras, que marcaram com suas grandes contribuições em momentos chave da minha caminhada. Aqui cito uma parte delas, mas, mesmo os que não foram citados, estarão igualmente contemplados neste trabalho.

Em tempos pandêmicos nada mais importante do que um núcleo familiar estruturado, agradeço aos meus pais Waldemy e Adelaide, *in memoriam*, pela transmissão do desejo inesgotável de adquirir conhecimentos e tentar aprender, compreender e interagir com outras culturas, lendo, escutando e praticando alteridade e austeridade desde cedo.

A minha esposa Evânia e aos meus filhos Pedro, Daniel e Rodrigo pelo que me ensinam e me suportam nos caminhos e convivências dessa vida atribulada.

Ao meu irmão caçula, Tiago, uma das mais de 689.000 vítimas de um genocídio anunciado no Brasil (COVID-19).

Aos caros professores doutores do PPGH/UNICAP e da avaliação externa, funcionários da secretaria e de apoio ao programa, agradeço imensamente pelos momentos compartilhados quando da aplicação do programa em tela, pois, embora virtuais, sempre pareceram-me cheios de calor humano, algo de que todos nós estamos precisados nestes tempos pandêmicos.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar, por ter conquistado o meu entusiasmo, pela sua paciência e equilíbrio, em procurar ensinar-me como deve agir um historiador e quais as ferramentas das quais deve apropriar-se, quais as responsabilidades e liberdades possíveis.

Agradeço ao professor George Félix Cabral de Souza, um dos grandes conhecedores do mundo atlântico, pelo aceite em participar da banca como avaliador externo;

Agradeço ao Prof. Dr. Paulo H. Fontes Cadena, pelas orientações pragmáticas com as suas sugestões e experiências, da importância em desconfiar das fontes e de como na prática, a teoria pode ser outra. Quando a pandemia permitir, pretendo deixar o campo analítico e invadirei os arquivos;

Ao professor Me. Braz pelas revisões, sugestões e demais encaminhamentos.

Às professoras Dras. Maria do Rosário, Lúcia e Ana Cláudia, agradeço o apreço pelas Artes, a Iconografia e às festas e manifestações culturais, que Koster tão bem narrou.

Ao Prof. Dr. Flávio Cabral, pela sua metodologia historiográfica, viajando conosco do global ao local, ajudando a identificar, para mim, notadamente no casal Burke e Pallares-Burke, oportunidades e exemplos a serem construídos e desconstruídos.

Ao professor Dr. Hélder Remigio, pela sua percepção ao ver que as minhas idiossincrasias se encaminhavam para Braudel, Arrighi, Wallerstein, Gramsci, a história do tempo presente e a longa duração do capitalismo histórico, tendo a cabeça voltada para o mundo, um dos pés enterrados no mangue e o outro nas, quase sempre, secas areias do Rio Taperoá;

A Catarina, a grande, de todas as Rússias pela preservação da Instituição dos Jesuítas e do seu conhecimento para humanidade;

Espero, sinceramente, que possamos em breve participar de congratulações e celebrações presenciais a favor da vida, das liberdades e da sociabilidade.

Muito obrigado.

## RESUMO

Este relatório aborda aspectos sobre o luso-brasileiro Henry Koster e seu itinerário nas capitanias de Pernambuco no século XIX, bem como a visão de intelectuais orgânicos do Capitalismo histórico e seus projetos de poder durante a formação da nacionalidade brasileira e suas identidades. Metodologicamente, procuramos interagir de maneira interdisciplinar, ou seja, analisando a historiografia e textos de áreas correlatas - dentre os autores que auxiliaram na composição da nossa narrativa merecem destaque Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein e Peter Burke. Como material subsidiário disponibilizamos uma cartilha sobre Henry Koster e suas aventuras, em anexo como apêndice I. Ademais, nossa pesquisa serviu de base para a confecção de um produto, isto é, um lúdico conjunto histórico-iconográfico, capitaneado por um jogo de tabuleiro, cujo manual é o apêndice II deste relatório. Assim, para unirmos ludicidade com informações pertinentes ao desenvolvimento histórico de Pernambuco, além de textos, nos valem de recursos como mapas, gravuras, pinturas e outros elementos artísticos. O produto é destinado, principalmente, para jovens estudantes entre 14 e 18 anos, contudo pode ser utilizado por um público mais amplo, a exemplo de graduandos em História.

**Palavras-chave:** hibridismo cultural; capitalismo; nacionalismos; História de Pernambuco.

## ABSTRACT

This report addresses aspects of the Luso-Brazilian Henry Koster and his itinerary in the captaincies of Pernambuco in the early 19th century, as well as the vision of organic intellectuals of historical Capitalism and their power projects during the formation of the Brazilian nationality and its identities. Methodologically, we tried to interact in an interdisciplinary way, that is, analyzing the historiography and texts from related areas - among the authors who helped in the composition of our narrative, Giovanni Arrighi, Immanuel Wallerstein, Antonio Gramsci and Peter Burke deserve to be highlighted. As subsidiary material, we provide a booklet on Henry Koster and his adventures, attached as Appendix I.

Furthermore, our research served as the basis for the making of a product, that is, a playful historical-iconographic set, captained by a board game. Thus, in order to unite playfulness with information relevant to the historical development of Pernambuco, in addition to texts, we make use of resources such as maps, engravings, paintings and other artistic elements. The product is aimed mainly at young students between the ages of 14 and 18, however it can be used by a broader audience, such as History graduates.

**Keywords:** cultural hybridity; capitalism; nationalisms; History of Pernambuco.

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 - DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 —Capitalismo, liberalismo e geocultura nos oitocentos .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 — Centro “faminto”, periferia cobrada.....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 - As duas faces da mesma “moeda”: Henry Koster ou Henrique da Costa...</b>	<b>19</b>
<b>2.4 – Entre história e gamificação.....</b>	<b>22</b>
<b>3 - DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO .....</b>	<b>26</b>
<b>4 - APRESENTAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>28</b>
<b>5 - APLICAÇÃO DO PRODUTO .....</b>	<b>44</b>
<b>6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>7 - LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES .....</b>	<b>49</b>
<b>8 - BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>50</b>
<b>9 - APÊNDICE.....</b>	<b>59</b>

## 1. INTRODUÇÃO

“Viajar perder países, ser outro constantemente!  
Navegar é preciso, viver não é preciso!”  
(Fernando Pessoa)

As políticas expansionistas do capitalismo histórico e as guerras napoleônicas, forçaram a corte portuguesa a montar uma metrópole pluricontinental no Rio de Janeiro, tendo sofrido rejeição pela nobreza da terra pernambucana em 1817. Com a Coroa portuguesa tutelada pelo império britânico, líder interestatal do capitalismo histórico, um séquito de homens de letras, intelectuais orgânicos preparados pelo ideário reformista de Rodrigo de Souza Coutinho, o conde de Linhares, entre eles Manuel Arruda da Câmara, acreditando que o império português seria governado a partir do Brasil, incumbiu-se de encontrar novas *drogas e minas* que conquistassem posições destacadas nos mercados globalizados, em meio às tensões sociais internas e externas e às incertezas das atividades exportadoras tradicionais, transformando a ex-colônia em um grande Jardim Botânico.

A partir das hibridizações entre estes mediadores culturais, este estudo pretende seguir os caminhos do migrante multifacetado luso-britânico Henry Koster na capitania de Pernambuco, entre 1809 e 1817, para compreender como essas transformações estruturais, impactaram no seu processo civilizador e se a postura fleugmática e a desenvoltura dos seus discursos e de outros viajantes e migrantes, notadamente britânicos, pôde funcionar como representação desses processos de dominação eurocêntricos.

Henry Koster, personagem central de nossa narrativa, abandonou o gélido outono de Liverpool desembarcando trinta e cinco dias depois, no paço da alfândega do porto de Pernambuco, na primavera tropical de dezembro de 1809. Ao realizar tal empreendimento, possivelmente apropriou-se dos clássicos versos supracitados de Fernando Pessoa, logo, a longa distância, os perigos na viagem, intempéries, a mudança de clima, não foram empecilhos para a precisa navegação. Vale ressaltar que já no final do século XVIII, experiências de deslocamentos sofreram uma aceleração movidas por sentimentos de modernidade e progresso promovidos por uma série de “Revoluções”, a grande maioria ditas burguesas, mais pela propensão ao consumo reprimido do que pela ânsia de liberdades.

Já no século XIX, as grandes aglomerações humanas, notadamente na Europa, em suas constantes buscas a fim de minimizar suas insaciáveis fomes por recursos, materiais e

imateriais. Comidas, bebidas e conhecimentos, estavam em constante movimento, propiciando migrações e antropizando regiões cada vez mais distantes, no além-mar atlântico, incluindo terras brasileiras. Notemos que, talvez, o único ciclo econômico global que tenha apresentado um crescimento contínuo, gradual e ininterrupto foi o ciclo migratório de seres humanos, com diferentes identidades étnicas, seja como força de trabalho ou como capital humano, de maneira voluntária ou forçada.

Sobre esse fluxo migratório, os sociólogos Giovanni Arrighi (2013, p. 20) Immanuel Wallerstein (2001, p. 30), nos alertam para o fato de que, normalmente, partia dos centros financeiros das grandes hegemonias interestatais europeias, onde os grupos étnicos detentores da maior parte dos recursos, os chamados acumuladores de capital, geralmente estão localizados, para as colônias periféricas.

A propósito, percebemos que o poder centralizado dos acumuladores de capital, foi devidamente incutido no imaginário dos colonizados através dos chamados intelectuais orgânicos, principalmente, ao lermos escritos de Antônio Gramsci, que versavam sobre como instituições e suas estruturas hierárquicas impunham aos diversos grupos étnicos, através da violência (assimetria de poder) psicológica ou física, os valores morais da sua Economia Política, limitando e restringindo a sua capacidade decisória e conseqüentemente, as suas liberdades e independências.

Em função dessa percepção, e assim como Koster, apoiado nos versos de Pessoa, sempre tentei, principalmente em viagens, proporcionar aos meus filhos a oportunidade de aprender a tornarem-se cidadãos do mundo, observando o comportamento de diferentes grupos étnicos presentes em nações posicionadas no topo interestatal do capitalismo, em uma condição dita hegemônica, analisando e comparando os seus discursos e práticas dominadores e como aprender a liderar e tomar as decisões certas, oferecendo resistências a eles, principalmente caso se concretizem, no futuro, movimentos nacionalistas do tipo WASP<sup>1</sup>.

Pude fazer essas análises empíricas em lugares variados: seja em visita ao palácio dos Doges em Veneza, observando o museu da escravidão em Liverpool, em uma praça de Manchester - onde E.P. Thompson identificou o nascimento da classe operária inglesa -, em um Moinho holandês que utilizava pó de Pernambuco (Pau-Brasil) nas suas tinturarias ou bebendo um suco tropical, mix de soja e laranja, dentro de um parque temático norte-americano.

---

<sup>1</sup> Sigla em inglês para branco, anglo-saxão e protestante.

O acúmulo de leituras e experiências empíricas, seja no Brasil ou fora dele, germinaram em mim uma vontade de retornar para a academia e desenvolver um estudo objetivando tentar compreender como os discursos a respeito da economia política, força de trabalho na economia-mundo, de um determinado grupo, no caso o dos intelectuais mediadores, estrangeiros e locais, (homens de letras na sua época), notadamente aqueles no topo interestatal, influenciaram no desenvolvimento dos processos civilizadores e antropizantes, impostos pelo capitalismo histórico na formação das diversas identidades em Pernambuco e sua difícil integração como província nacional, sob uma perspectiva de longa duração.

Sentindo a necessidade de me aproximar mais de um personagem hibridizado culturalmente, que tivesse características de mediador cultural e intelectual orgânico, e que preferencialmente tivesse transitado pela atual região nordeste do Brasil, centralizamos nossa pesquisa no ideário e suas representações dos discursos do multifacetado migrante luso-britânico Henry Koster, que permaneceu em trânsito entre a Inglaterra e o Brasil do final de 1809 até a sua morte em 15 de maio de 1820, na vila de Goiana, Pernambuco, bem como sua rede familiar e abolicionista.

Especificamente procuramos compreender descobrir um pouco mais a respeito desse agente tão respeitado como fonte pelos historiadores, pernambucanos, ingleses, portugueses pela sua acurácia e precisão em suas informações. Afinal, o que sabemos de Koster? De onde veio? A que grupo pertencia? Quais eram seus diversos e multifacetados interesses? O que está de fato, dito e não dito, em seus escritos *Viagens ao nordeste do Brasil* e *Como melhorar a escravidão*, ambos publicados em 1816?

A pesquisa versada nesse relatório já se justificaria por abordar facetas dos relatos do viajante Koster, amplamente reconhecido como testemunhos relevantes a compreensão da história pernambucana - e porque não brasileira e internacional. Contudo, a situação fica ainda mais clara quando recorremos à A. J. R Russel-Wood (2014, p. 16) quando ele afirma que os movimentos como o de Koster deveriam ser melhor pesquisados “enfrentando-se” um tipo de história atlântica, no caso a luso-brasileira, porém com vários lances comparativos com o Atlântico inglês ou hispânico.

A opção por Koster, também ancora-se no fato que ele foi agente de sua própria história atlântica, vivendo, entre 1809 e 1817, sob quatro projetos de poder: i) a ascensão do Império britânico ao topo interestatal do capitalismo; ii) o Reformismo Ilustrado, como canto do cisne do Império português, agora em sua metrópole pluricontinental; iii) o surgimento do Brasil,

como Estado, tentando centralizar várias ex-colônias como uma Nação e iv) a recusa de Pernambuco em deixar de ser Capitania para ser província de uma ex-colônia.

Notemos que nos caminhos trilhados por Koster é possível se perceber que seja onde estivesse, seus discursos e narrativas nos passam uma ideia de movimento, seja navegando, através do Atlântico ou pelos rios brasílicos, cavalgando através dos sertões ou arruando pelas praças das vilas e povoações das capitanias de Pernambuco. Diante dessas observações, e em contato com as orientações do prof. Dr. Tiago da Silva Cesar, surgiu-nos a ideia de materializarmos a pesquisa em um produto, isto é, um conjunto histórico-iconográfico que serviria como base a um jogo de tabuleiro do tipo *Boarding Game*, que lembrassem clássicos como *War*, *Catan* e *Civilization*.

Vejo este tipo de produto como um instrumento revisitor de experiências tradicionais, em contraponto às modernas mídias digitais, que nem sempre ocupam os corações e as mentes das novas gerações com conhecimentos pragmáticos para as suas vidas futuras, e sim, deixam-nas ansiosas com jogos digitais onde eliminam-se zumbis e outros seres imaginários, tornando-os mais temerosos para enfrentar os fracassos da dura vida real.

Lembremo-nos que uma experiência tradicional, pode ser vista como “clássica”, isto é, sem a pecha de retrógrada. Uma das influências para o desenvolvimento do produto foi a lembrança do meu contato direto com as famosas *estampas Eucalol*, figurinhas de cunho educativo que eram distribuídas como brindes em sabonetes e colecionadas por crianças e adolescentes brasileiros do litoral ao sertão, inclusive por alguns tios. Suas memórias estão imortalizadas na canção de mesmo nome, composta por Hélio Contreras, na voz de Xangai.

Metodologicamente fizemos uma acurada pesquisa de gabinete, de cunho interdisciplinar, tomando por bases obras dos citados Wallerstein e Arrighi, além de Peter Burke. Não nos furtamos a observância de autores clássicos pernambucanos como Gilberto Freyre, Oliveira Lima e Flavio Guerra. Aqui destacamos que para fins de atualizações de temáticas nos valem de uma nova leva de historiadores a exemplo de Marcus Carvalho, Flavio Cabral, George Felix Socorro Ferraz. Sobre o jogo em si, nos valem de teorias e métodos de “gamificação”, estudado entre outros desde Huizinga até Henrique Poyatos, contribuíram para isso também a imagética como as de Rugendas, Debret, Post recolhidas em obras diversas devidamente creditadas. Convém citarmos que boa parte dos materiais, como livros e jogos, são do nosso acervo particular, “garimpo” de uma vida, que tomou fôlego com aquisições efetivadas durante o mestrado. Artigos, dissertações e elementos ligados ao universo

dos jogos, também foram consultados em sítios virtuais a exemplo da Ufpe, Fundaj e Grow games.

Afora o produto, disponibilizaremos um texto dissertativo anexo ao relatório aos interessados por aprofundar-se, no itinerário de Koster, bem como na elucidação de questões referentes a hibridizações e interações culturais. Esperamos que nossa pesquisa / produto possa estimular reflexões de que mais que a “Independência do Brasil”, tão comentada no ano de seu bicentenário (2022), faz-se necessária a “independência dos brasileiros”, que acreditamos ser possível através de lutas respaldadas na educação como um dos seus pilares centrais.

## 2 – DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para entendermos relações, entre metrópoles e colônias, apresentadas ora com clareza e violências, ora com a sutileza das entrelinhas e do jugo da persuasão, é preciso esforço e atenção. Diante desta tarefa procuramos entender o comportamento e os discursos de intelectuais orgânicos, integrantes de grupos que estiveram no topo interestatal do capitalismo, notadamente os belicosos anglo-saxões. Como a literatura é extremamente vasta, foi necessário traçar prioridades, assim, privilegiamos pensamentos e ações do luso-britânico Henry Koster, ou Henrique da Costa, que nos primórdios do século XIX fazia uma ponte entre o universo de colonizadores e de colonizados, e que até os dias atuais, entre concordâncias e discordâncias, figura no imaginário intelectual pernambucano e brasileiro.

Nosso recorte temporal, compreende o período entre 1808 e 1817, momento em que o império português ancorado pela coroa britânica, buscou operar suas *transações* capitalistas e ditar *comportamentos* morais e sociais a partir dos trópicos, mas que teve resistência de alguns agentes que atuavam no cenário pernambucano. Reiteremos que buscamos analisar fatos e conceitos sob uma perspectiva socioeconômico-ambiental de Pernambuco, no período entre a abertura dos portos brasileiros às “nações amigas” em 1808, seguida de uma série de vantagens comerciais à Inglaterra e o movimento social de 1817, quando da afirmação das identidades pernambucanas, durante o processo de construção do Estado-Nação chamado de Brasil.

## 2.1 -Capitalismo, liberalismo e geocultura nos oitocentos

Sobre as *transações*, vale frisar que, de maneira geral, o Capitalismo é compreendido como um sistema econômico ocidental, surgido na Idade Moderna e que se expandiu nos séculos seguintes atingindo escalas globais. Em nossa pesquisa adotamos a expressão “Capitalismo histórico”, proposta por Immanuel Wallerstein, uma vez que observamos o nível de dedicação e racionalidade em que o autor se debruçou ao analisar a formação do capitalismo por cerca de quinhentos anos, acompanhando sua mundialização bem como seus reflexos nos âmbitos econômico, político, cultural e ideológico.

De forma mais enfática, o autor define o Capitalismo histórico, como “[...] o *locus* concreto -integrado no tempo e no espaço – de atividades produtivas cujo objetivo econômico tem sido a acumulação incessante de capital.” (WALLERSTEIN, 2001, p. 18). Tendo por base categorias como sistema-mundo e economia-mundo, Wallerstein aponta que embora os centros hegemônicos sejam alterados, há uma constância na hierarquia entre centro e periferia e enfoca que a humanidade é passível de ser classificada quanto às formas de produção em três divisões: acumuladores de capital, capital humano e força de trabalho.

Notemos que acumuladores e agentes do capital humano, não são restritos a um Estado nacional, mas sim possuidores de características interestatais, multiculturais. A relação desses agentes com a força de trabalho - o “resto da humanidade” -, é de desigualdade uma vez que a trata como quaisquer outros recursos, ou seja, de acordo com a relação de custo-benefício objetivando o lucro. Refletindo sobre a acumulação de capital Wallerstein ainda identifica o campo político como sendo “organizado ostensivamente em torno de Estados soberanos e separados, cada qual com responsabilidade autônoma por decisões “[...] no interior de sua jurisdição, todos dispo de forças armadas para sustentar sua autoridade” (WALLERSTEIN, 2001, p. 29).

Quanto à imposição de *comportamentos*, os agentes hegemônicos do Capitalismo histórico, já no século XIX, foram bem enérgicos ao subjugarem populações periféricas, emitindo discursos que visavam retirar, até mesmo, a essência humana de grupos inteiros. Em suma, o ideal divulgado, era que indivíduos interestatais, preponderantemente europeus, seriam seres dotados de superioridade racial, cultural, logo estariam aptos a ditarem regras mais precisas quando a economia, a política e até a moral dos povos subalternos. Estes, por sua vez deveriam ter comportamentos, baseados na obediência, visando facilitar ao máximo o ordenamento capitalista, isto é, facilitarem à custa de trabalho - e se preciso fosse da própria vida – a geração de lucros para as metrópoles.

As respostas para tais exigências eram ancoradas, entre outros, em arcabouços racistas, machistas e caso os argumentos não fossem suficientes para o convencimento, a força física daria a tônica. Aqui fazemos questão de salientar que para uma sociologia que “culturaliza” o mundo e confunde a questão da gênese do mundo moderno com a questão muito diferente da expansão do capitalismo para todo o globo, a noção de “culturas superiores”, percebidas como um estoque supostamente homogêneo e contínuo de conteúdos de outras épocas, substitui com vantagens o racismo explícito das “raças superiores” do colonialismo do século XIX.

Concordamos com Jessé de Souza (2021, p. 124), quando vemos que essas orientações culturais já foram, desde muito tempo, institucionalizadas no mundo todo, e percebemos que as distinções entre as sociedades não se dão em termos de qualidade – ou seja, uma “cultura” produzindo gente com “espírito” no Norte global e outra produzindo subgente animalizada e reduzida ao corpo no sul global. As distinções, por mais importantes que sejam – e elas efetivamente existem, se dão em termos de quantidade, ou seja, os processos históricos de aprendizado foram mais profundamente realizados em algumas sociedades e permanecem incompletos em outras.

Importante mencionarmos, que o século XIX conheceu o auge do Liberalismo econômico e político. O liberalismo, que surgiu no século anterior a partir do Iluminismo, vigorou principalmente na Europa Ocidental e na América Latina. De acordo com Kalina Silva e Maciel Silva (2019, p. 258), economicamente, o liberalismo é uma teoria capitalista, que defende a livre-iniciativa, e a ausência de interferência do Estado no mercado. O Liberalismo político, emergiu como uma nova forma de organizar o poder, contrária ao Absolutismo.

Para Wallerstein (2001, p. 33), o Liberalismo do século XIX foi uma resposta para conter as demandas populares por democratização. E alerta para uma geocultura, ou seja, o liberalismo como mostra da internacionalização Capitalismo histórico, desenvolvia a figura de um cidadão global, adaptável, a exemplo de Henry Koster.

## **2.2 - Centro “faminto”, periferia cobrada**

O alvorecer do século XIX encontrou uma Europa “iluminada”, porém em convulsão e revoltas, as suas grandes cidades tinham fome, mas não sabiam exatamente de quê. Para saciar essa fome jogavam um jogo onde a Economia ditava as regras, sendo essas validadas, principalmente, pelos “Tratados”. Esses algumas vezes eram questionados, ou mesmo quebrados, dando margem a disputas ainda mais acirradas, transformando uma relativa paz em

guerra declarada, invertendo, temporariamente, até o endereço da corte portuguesa para o além-mar.

Conforme dito anteriormente, a Inglaterra possuía a liderança interestatal do Capitalismo histórico, contudo potências como a França tentavam investir contra seus domínios. Em uma luta desesperada pela supremacia do capitalismo, Napoleão leva a França a quebrar o Tratado de Vesfália (1648)<sup>2</sup> e o Tratado de Utrecht (1713)<sup>3</sup> gerando tensões continentais. A Inglaterra, contudo, há tempos se precava dos *Bleus*, aliando-se a parceiros como Portugal, celebrando tratados como o de Methuen (1703), também conhecido como “Tratado de Panos e Vinhos”<sup>4</sup>, e posteriormente o Tratado de comércio e navegação (1810)<sup>5</sup>. Reforcemos que entre esse tratado e o Congresso de Viena (1815)<sup>6</sup>, a economia moral anglicana viabilizou um processo político-econômico que findou com a Inglaterra o topo do Capitalismo. Para conseguir esse intento foi desenvolvido um sistema financeiro-monetário, baseado no comércio triangular com Portugal e sua colônia sul-americana, agora um Estado-Nação em formação, onde o ouro brasileiro escoava para o Tesouro britânico.

Abrimos um parêntesis, para informar que embora concluída em 1808, a transferência da família real portuguesa para o Brasil, como mecanismo de proteção às investidas francesas, já era projeto já antigo. Segundo Lustosa (2019) um dos articuladores desse movimento foi D. Rodrigo de Souza Coutinho, o Conde de Linhares, que com seu reformismo ilustrado, desde os fins do século XVIII, estimulou pesquisas, e o desenvolvimento das ciências que contribuíssem como “progresso” do reino, mirando sua parte mais rica, o Brasil.

---

<sup>2</sup> O tratado assinado em Münster e Osnabrück, que levou a Guerra dos Trinta Anos a uma conclusão. Por seus termos, os Habsburgos reconheceram a independência da Suíça e a separação das Províncias Unidas dos Países Baixos Espanhóis; *a França garantiu direitos indefinidos na Alsácia e manteve os bispados de Metz, Toul e Verdun*. Entre outras coisas, a soberania plena dos Estados alemães foi reconhecida. (WRIGTH; LAW, 2013, p. 734, grifo nosso).

<sup>3</sup> O tratado que acabou com a Guerra da Sucessão Espanhola. Depois de negociações entre os ingleses e os franceses, um Congresso se reuniu em Utrecht, e assinou os tratados. A Grã-Bretanha obteve o direito de suprir as colônias espanholas americanas com escravos negros. Da França ganhou a ilha da Terra Nova, a Baía de Hudson e St. Kitts. A França devolveu conquistas recentes. *A Grã-Bretanha obteve significativos ganhos navais, comerciais e coloniais e daí em diante assumiu muito mais importante negócios mundiais*. (WRIGTH; LAW, 2013, p. 733-734).

<sup>4</sup> O tratado de Methuen, essencialmente, regulamentou as relações comerciais entre Portugal (fornecedor de “vinhos”) e Inglaterra (fornecedora de “panos”). Do ponto de vista da Inglaterra, o tratado de Methuen ultrapassou, o benefício material imediato. *Seus artigos afetaram as exportações do maior rival inglês na arena mundial, a França*. [...] O metal brasileiro ainda foi decisivo na reorganização do sistema monetário inglês, convertido ao padrão-ouro, na estabilização da dívida pública inglesa e na e na consolidação de um mercado de capitais essencial à decolagem da Revolução Industrial (PARRON, 2020, p. 435, grifo nosso).

<sup>5</sup> O Tratado de Comércio e Navegação, reduziu os tributos sobre produtos ingleses exportados para o Brasil, tornando-os mais competitivos que os demais países, incluindo Portugal.

<sup>6</sup> O Congresso de Viena foi uma conferência internacional de paz que organizou os negócios da Europa depois da derrota da França de Napoleão. Restaurou em parte a estabilidade política e monárquica da Europa.

Sob a égide do Reformismo ilustrado, entre a chegada da família real e a abertura dos portos, vieram para o Brasil cerca de 15.000 novos imigrantes, com suas bocas esfomeadas e sua vontade de ter e consumir, a custo de terceiros. Em nome dessa fome uma pesada carga tributária vinha em tom de solução aos membros da corte, contudo, uma constante e crescente pressão social e econômica começou a trazer à tona a Revolução Pernambucana de 1817, movimento de cunho republicano e constitucionalista, encabeçado pelo clero e a nova elite comercial da capitania, que chegava da Europa com ideais libertários.

Agindo com perspicácia e diplomacia, o Conde de Linhares, procurou levar adiante a função que herdou do Marquês de Pombal: formar uma rede de intelectuais orgânicos luso-brasileiros, com tendências conservadorismo liberal inglês, como Hipólito da Costa e do racionalismo francês, como Manuel Arruda da Câmara. Vale ressaltar que o Conde de Linhares, não discriminava os intelectuais por serem natos do Brasil, ao contrário deu a diversos deles oportunidades de estudar e viajar pela Europa aprendendo as “luzes reformadoras”.

Contudo, nem sempre esses intelectuais mantinham-se firmes ao ideais da Coroa portuguesa, como exemplo dos citados Hipólito da Costa, jornalista, natural da Colônia de Sacramento, que da Inglaterra em seu *Correio Braziliense* escrevia textos em prol da emancipação brasileira, e Manuel Arruda da Câmara, sacerdote, nascido na Paraíba, com passagens por Portugal e França, que retorna ao Brasil com um inconformismo perante a injustiça social: apressou-se em trabalhar visando a combater, sobretudo, em favor das famílias mais pobres, maiores vítimas da opressão vigente. Nesse sentido, fundou o Areópago de Itambé, Sociedade Maçônica que abrigava intelectuais da Paraíba e de Pernambuco e onde foi tramada a Revolução de 1817 (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2022, [s.p.]).

Percebemos que com a globalização, a periferia era cobrada em saciar a fome dos dominantes, sem, contudo, se abster de lutar. Ademais aponta Wallerstein (2001, p. 59) que a ecologia mundial se alterou de uma forma que, por causa da organização social da economia-mundo europeia emergente, viria a beneficiar primordialmente a Europa, sendo o Brasil uma espécie de fornecedor de minérios e outros tantos produtos da fauna e da flora para deleite estrangeiro.

De acordo com Ângela de Castro e Patrícia Hansen (2016, p. 8), a globalização levou seres humanos pertencentes a diferentes matrizes culturais a desenvolverem vocabulários que estabelecessem vias de comunicação entre elas, é o caso do uso de alguns conceitos amplamente disseminados na gramática das ciências humanas e sociais, tais como: negociação, circularidade, apropriação, transferências culturais, zonas de contato, recepção, entre outras.

Acrescentemos que nosso personagem central, Henry Koster foi ao longo dos anos vivenciando e dialogando sobre o cerne desses conceitos.

### **2.3 – As duas faces da mesma “moeda”: Henry Koster ou Henrique da Costa**

Até aqui, traçamos um panorama sobre questões cruciais as quais Koster vivenciou nos oitocentos, ou seja, noções sobre o Capitalismo histórico e o conglomerado interestatal liderado pela Inglaterra; a tentativa da França em tomar essa liderança, a percepção entre centro e periferia em escala global; a preparação de homens de letras para gerir a acumulação de capitais, bem como a exploração humana e de recursos ambientais para a consecução da mesma. Vimos também, que em meio a essas querelas, uma triangulação entre Portugal, Inglaterra e Brasil gerou-se tensões de natureza anticolonialistas, notadamente pelas rupturas de mediadores culturais com a colônia e, como consequência imediata, a Revolução Pernambucana.

O porquê de termos escolhido trabalhar a figura de Koster, e seu itinerário seja navegando, arruando e cavalgando, foi pensado devido ao mote de A.J. R. Russel-Wood (2014, p. 16), quando reflete sobre os “movimentos transatlânticos”, aqui entenda-se a movimentação do “Atlântico português”. Koster soube se moldar a projetos de poder, ora alinhados com a elite interestatal, ora com a elite local, observando convivências e conveniências. Assim, podia ser tanto o Henry, quanto o Henrique, numa postura de intelectual orgânico hibridizado, como nos aponta Antônio Gramsci (1995, p. 17).

Outro ponto que despertou nosso interesse pelo personagem principal de nossa narrativa foi a possibilidade de verificar a invenção da etnicidade brasileira sob os olhares de um homem de letras, conforme aponta Peter Burke (2020, p. 144). Em seus relatos, o próprio Koster dizia que preferia ser chamado de Costa, adaptação que tem mais a ver com sonoridade que com tradução, visto que em determinados momentos dizia aflorar mais sua parte lusa tendendo a ser partícipe da etnicidade forjada no Brasil.

Na prática do ofício do historiador, sabemos que devemos observar um personagem tentando trazer ao leitor uma verdade orientada por ditames da academia, contudo também é lícito ao narrador, se desprender dos cientificismos esmagadores e agir com um pouco de arte, poesia. Assim motivou-nos o aprofundamento do estudo do personagem, imaginá-lo deitado em sua rede de algodão cru, após um dia de labuta no engenho N.Sa. do Amparo, na capitania de Itamaracá, conversando com o Vigário Tenório, em português, francês, ou talvez até latim,

inteiramente a vontade em uma casinha de pau-a-pique, fumando um cachimbo ou bebendo uma água de coco, a que mais apreciava.

Também foi entusiasmante concebê-lo, montado a cavalo, andando milhas e léguas, sertões adentro, fizesse chuva ou sol, curando com cachaça (aguardente), pinhão roxo e mandingas, as mazelas que tinha, no corpo e na alma, talvez globalizados bacilos de Koch, que lhe impuseram uma curta vida. Imaginá-lo, como um espião, conspirador ou como diria Manuel Bandeira, amigo do rei. Como mensageiro, entregando cartas urgentes vindas de Londres, para negociantes de grossa aventura, em todas as capitanias sob influência político-econômica de Pernambuco (da Paraíba ao Maranhão). Encontrando-se com negociantes, senhores de engenhos, padres e maçons que fizeram acontecer a revolução de 1817.

Como seria arruar com ele pelas ruas descalçadas da freguesia de São Frei Pedro Gonçalves, assistir a missa na Matriz do Corpo Santo e depois ir a uma festa em Santo Amaro das Salinas? Beber da água das bicas do varadouro em Olinda, voltando de uma visita ao Horto D'el Rey ou a outra festa na Igreja do Amparo? Visitando Igarassu para uma cerimônia de entronização de um monge ou um casamento de negros na praia.

Ao fim e ao cabo, após participar, como convidado, de uma porção de festas, no início só para brancos, e depois de ser aceito e respeitado pela sua própria comunidade e seus trabalhadores livres e escravizados, indígenas ou pretos, crioulos e ladinos ou até africanos, encontrar a realização pessoal de ter seu nome, Henrique da Costa, cantado em português, como um dos melhores anfitriões da localidade. Assistir ao Vigário Tenório abençoando os Reis do Congo, um rito misto de oficial e officioso, típico do sincretismo que liberta e inclui socialmente.

Nossa imaginação não foi mero devaneio, mas calcada em informações colhidas através de escritos de cronistas e da historiografia local. Nossa fonte primordial, foram os relatos do próprio *Henry Koster*, e da britânica *Maria Graham*, que no século XIX fez registros sobre o povo, a natureza e os costumes do Brasil, em geral, e de Pernambuco em particular. Escritores clássicos *Gilberto Freyre*, que a sua maneira descreveu cenários e ralações interpessoais no que hoje entendemos como Nordeste, *Pereira da Costa* com seus anais, trazendo minúcias sobre locais e acontecimentos significativos de Pernambuco, sem esquecer de *Oliveira Lima*, que menciona fatos sobre o desenvolvimento histórico pernambucano.

A propósito, respondendo as indagações feitas na introdução deste relatório técnico, Henry Koster (Lisboa, 1792 – Recife, 1820). Viveu entre Portugal, Inglaterra e Brasil, chegando neste, com fins iniciais de um clima mais ameno para reestabelecer sua saúde. Filho de um

financista inglês que lidava com o ouro, contrabandeado ou não, que saia das colônias sul-americanas portuguesas, Sir John Theodore Koster e tutelado e incentivado por Robert Southey autor da primeira *História do Brasil* e membro de um grupo político que desejava a abolição do tráfico negreiro no atlântico colonial ou pré-industrial ao mesmo tempo que apoiava a “alienação” do proletariado inglês.

Seus vínculos consanguíneos e oficialmente se autodenominava inglês, contudo chegou a relatar que se comunicava melhor em português que do que em sua língua-mãe. Essa miscelânea pode ser percebida ainda quando diz: “[...] a Inglaterra é a minha pátria, mas o meu país natal é Portugal. Pertença aos dois, e na companhia de ingleses, portugueses ou brasileiros, sinto-me igualmente entre patrícios” (KOSTER, 2003, p. 416). Entre o mundo ibero-tropical e o inglês há possibilidades de perceber contradições em torno do nosso personagem, contudo, aceitáveis, visto o liame da hibridização, que como diria Burke (2006, p. 91), sua adaptação cultural “pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma que se encaixe em seu novo ambiente”

A hibridização, nos fez remeter uma alegoria da dupla face da moeda, ou seja a mesma pessoa poderia ser vista como um multifacetado homem de letras e agente global (Henry Koster) ou como um senhor de engenho (Henrique da Costa). Engenho e escravidão nos princípios do século XIX eram intrínsecos, o nosso personagem conseguiu ditar ordem aos escravizados e ao mesmo tempo realizar um estudo comparativo sobre o escravismo para os abolicionistas britânicos apropriando-se de conhecimentos essenciais da cultura pernambucana.

Koster veio ao Brasil com um extraordinário “capital étnico” e conhecimentos prévios sobre o Brasil adquiridos de Robert Southey e de outras possíveis fontes de viajantes, utilizando-se destas e de suas próprias experiências empíricas para consolidá-lo. Um dos objetivos primordiais que interessava à *gentry*, a elite rural inglesa que prevalecera depois da revolução gloriosa, era a abolição do tráfico negreiro força de trabalho nas colônias britânicas, também era de base escravista. - sobre a escravidão, Koster chegou a se posicionar favorável à abolição da escravatura, contanto que a mesma viesse paulatinamente, após a civilização dos escravizados, visto a prudência em defender os interesses dominantes frente a possíveis revoltas.

Durante a sua estadia, cuidou dos negócios, estabeleceu uma rede social, instalando uma identidade própria no seu lugar dominante junto à elite pernambucana. Como bom observador anotava, com detalhes, tudo o que via em suas viagens e no seu dia a dia. Tomava parte da vida

brasileira, conhecendo seu povo, seus usos e costumes, convivendo nas ruas com as mais diferentes camadas da população e frequentando festas da sociedade local.

Notemos que já em 1810, teve uma melhora no seu quadro de saúde e resolveu enfrentar uma viagem a cavalo para a Paraíba e de lá foi até o Ceará. Voltou ao Recife no início de fevereiro de 1811 e já no final do mês viajou novamente, desta vez por mar, para o Maranhão, de onde regressou para a Inglaterra. Em 27 de dezembro do mesmo ano, voltou ao Recife e fez uma viagem ao sertão de Pernambuco. Quando retornou, arrendou primeiro um engenho em Jaguaribe, negócio que não deu muito certo. Posteriormente, instalou-se no Engenho Amparo, na ilha de Itamaracá, e enfim viria a ser o “Senhor Henrique da Costa”.

Retornando à Inglaterra, em 1815, resolveu escrever um livro sobre o Brasil. Publicou-o em Londres, sob o título *Travels in Brazil*, (1816) - ou “*Viagens ao Nordeste do Brasil*”, no mesmo ano publicou um importante panfleto político a favor da abolição do tráfico negreiro intitulado *On the amelioration of slavery* (1816), ou Como melhorar a Escravidão. Tais obras alimentaram nossa pesquisa, seus reflexos podem ser vistos no produto, sobre suas entrelinhas, os “não-ditos”, muito há por verificar. Estimamos que em trabalhos futuros maiores esclarecimentos possam ser realizados, seja por nós ou por colegas.

Não sabemos que motivos o fizeram retornar ao Brasil. Talvez a doença tenha voltado a se manifestar, ou até mesmo a falência do pai, e conseqüentemente da família, o tenha feito optar por voltar à Pernambuco em 1817. Ao apagar das luzes, à procura de um clima melhor para sua saúde, porém sempre próximo de intelectuais, instalou-se em Goiana (Itamaracá), Outro viajante inglês, seu contemporâneo James Henderson, anotou que Henry Koster teria retornado ao Recife em fins de 1819, onde faleceu no início de 1820, sendo enterrado na freguesia de Santo Amaro das Salinas, no chamado cemitério dos ingleses, em local não identificado.

Há cerca de dois séculos, seu corpo encontrou repouso, contudo suas vivências ecoaram. Não atoa estudiosos o perceberam como um cidadão do mundo globalizado, multifacetado e interessado em todo tipo de recursos que auxiliasse o capitalismo e o “progresso” da modernidade. Seguindo as reflexões de Wallerstein (2001) e Burke (2020), um ser que teve a avidez por um conhecimento unidisciplinar, privilegiando as letras, sendo considerado um polímata.

O arcabouço de nossa pesquisa entre os clássicos pernambucanos, foi assim como nossas impressões sobre Koster, sendo agregado em contato com novas reflexões, que autoras

e autores contemporâneos trouxeram, seja do próprio personagem, seja das relações com a sociedade dos oitocentos ou aquelas imediatamente próximas, como *George Félix Cabral*, quando da análise de um grupo mercantil do Recife colonial entre os séculos XVII e XVIII, *Marcus Carvalho* que traz à lume o tema da escravidão e suas entrelinhas no Recife Oitocentista, *Flávio Cabral*, que explicitou meandros da Revolução Pernambucana de 1817 e *Socorro Ferraz*, que revisitando a obra de Koster desmistifica que o mesmo não foi um mero “viajante” mas sim um agente extremamente inteligente da Burguesia britânica.

Reiteremos que mesmo diante dos nortes dos autores supracitados e de tantos outros como *Câmara Cascudo* (que também foi tradutor de Koster) e que nos deu noções a história sobre alimentação, *João Antonil*, que falou sobre a cultura brasileira enfocando as drogas e minas, *Luiz Felipe Alencastro*, que mostra as chagas da escravidão brasileira num contexto atlântico, *Manuel Correia de Andrade* enfatizando Pernambuco a partir da história e geografia pernambucana, algumas das questões sobre Koster ficaram com lacunas, contudo, à tônica de Ariano Suassuna em seu realismo esperançoso, nos faz ter consciência que estamos cumprindo nosso papel, uma vez que a história é um desafio e lacunas fazem parte dele.

#### **2.4 – Entre história e gamificação**

O capitalismo histórico, pode ser entendido como um jogo. Cujas regras, são geralmente estabelecidas como uma série de tratados, internos e externos, envolvendo um período de longa duração. Com base nos comentários de Arrighi (2013), quem detém a hegemonia do capital, impõe aos centros periféricos iniquidades como a escravidão, ainda amplamente rechaçada na teoria e sob a letra de leis e tratados, não superada nos dias atuais. A busca pelo lucro e os tipos de exploração vão se ajustando às épocas, mas o jogo continua lá, e quem tem o domínio de suas regras e lacunas são os líderes interestatais – hoje notadamente os Estados Unidos da América seguido pela da China.

O Brasil, entre avanços e retrocessos, continua sendo periferia, como local a ser controlado, manipulado fornecendo minérios, produtos agrícolas e mão de obra, cada vez mais abundante. A propósito, porque boa parte das brasileiras e dos brasileiros que compõe essa massa fornecedora de trabalho são tratados de forma diferente dos cidadãos com uma espécie de supracidadania, que lhes dão prerrogativas a viver com trânsito livre pelo mundo, com direitos e garantias que chegam em níveis do mais que supérfluo? Vastas são as respostas, hoje mesmo em meio a uma onda de negacionismos, temos a convicção que não é pela questão

étnica, nem pela moral, mas pela falta de acesso aos principais elementos do jogo, isto é, dignidade material e conhecimento profundo dos alicerces da economia e da política.

Dessa forma, lutas diárias precisam ser travadas para que avancemos algumas etapas desse jogo, libertando-nos. Notemos que o melhor dos combates pode ser travado pela educação, para que nos apropriemos de cada lance, de cada jogada e possamos nos antever e nos protegermos, exigindo respeito. Refletindo sobre a continuidade do capitalismo e tendo em mente que para estudá-lo o século XIX se faz incontornável, pensamos em um procedimento lúdico para incentivar jovens estudantes a ingressar nesse estudo, que se apresenta nos compêndios de história econômica e forma densa, árida.

Ancorados em Walter Benjamin (2020), que reflete sobre a necessidade da experimentação da vida para melhor aprendizado dos jovens. Percebemos que quando essa experiência é tolhida por razões diversas, um simulacro dela pode servir de alerta. Chegamos a leituras como Rubin Collingwood *O mapa do conhecimento, Homo Ludens* de, Johan Huizinga, onde percebemos que nas brincadeiras e nos jogos são antecipados os treinamentos para se enfrentar a dura realidade. Logo decidimos por elaborarmos um jogo histórico-pedagógico, como contribuição ao estudo sobre o agente Koster e o cenário envolvente.

Nesse sentido, como sugeriu Huizinga (2017, p.16), a função do jogo, nas formas mais elevadas, que aqui nos interessam, pode de maneira geral ser definida pelos dois aspectos fundamentais que nele encontramos: uma luta por algo ou a representação de alguma coisa. - em alemão o verbo *spielen* significa tanto jogar quanto representar. Aprende-se muito com métodos de tentativa e erro, assim a defesa do jogo é a mesma defesa da arte. A arte é o limiar da mente, a eterna expansão do pensamento rumo ao desconhecido, ação em que o pensamento estabelece para si um novo problema. Então o jogo, a brincadeira, idêntica à arte, é o comportamento que vê o mundo como um campo infinito e ilimitado de ação, uma aventura permanente.

Também, serviu-nos de incentivo as palavras Theodor Adorno (1970) quando o mesmo acrescenta que a arte tem na faculdade da imaginação a possibilidade de criar aquilo que não existe, pois ela representa aquilo que não foi submetido ao estado de dominação imposto pela racionalidade técnica, logo, que a arte, ao apresentar a imagem daquilo que não equivale à realidade, cria no sujeito uma experiência estética que ultrapassa os limites da racionalidade, permite a ele negar aquilo que o domina (a realidade), portanto, o liberta.

Para pensar melhor as estratégias de implementação do jogo em seu viés mais pedagógico contamos com as orientações de autores como Henrique Ruiz Poyatos Neto, na seara da gamificação, que nos mostrou o caminho para engajarmos pessoas de forma lúdica, que culminou com a tecitura do pano de fundo, feitura das regras e aquisição de peças necessárias. Antes de entrarmos em campo para a execução sugerida por Poyatos foi de suma importância uma pesquisa de gabinete.

Assim, nos debruçamos sob muitas fontes iconográficas nas bibliotecas digitais e nos acervos de coleções de museus: Mapas, Pinturas a óleo de Naus inglesas, portuguesas, brasílicas, etc. e também em obras como litografias, gravuras, aquarelas e pinturas de Henry Koster, Emil Bauch, Luís Schlapriz, Johan Rugendas, Debret, Frans Post e outros, em obras escritas por Flávio Guerra, Fernando Pio, Gilberto Ferrez, Pernambucano de Mello.

Quanto ao processo de aquisição de materiais e serviços para a elaboração do jogo, inicialmente procuramos identificar como produtos similares poderiam ser elaborados sob uma perspectiva artesanal, porém sem perda de qualidade. Identificando a sua feitura, partimos para adquirir estes materiais, em sua maioria derivados de pasta de papel em diversas gramaturas, arruando pelas ruas do Recife. Entre os principais fornecedores de artefatos listamos:

- *Comercial Sá e Irmãos* - Rua Direita, nº 321 – Bairro São José – Recife/PE;
- *Cortepel* -Rua Velha, nº 309 – Bairro Boa Vista – Recife/PE;
- *Irmãos Haluli* - Rua Santa Rita, nº 216 – Bairro São José – Recife/PE;
- *Casa Cabus* - Rua do Rangel, nº 140 – Bairro São José – Recife/PE;
- *Atacado dos Presentes* -Rua José Bonifácio, nº 961- Bairro Torre – Recife/PE;
- *Center dos Presentes* -Rua de Santa Rita, nº 141 – Bairro São José – Recife/PE;
- *Manuel Artesanato* -Mercado de São José / BOX nº 217 – Bairro São José – Recife/PE;

Para aquisição de peças mais específicas para jogabilidade, recorreremos também a fornecedores localizados no estado de São Paulo:

- *Ludeka*- Av. Tietê, 2941 – Bairro Campestre – Santo André/SP.  
ludeka@ludeka.com.br
- *Ludens ind. e com. de artigos recreativos* - Av. Tietê, 2941 – Bairro Campestre – Bairro Santo André/SP. ludens@ludensspirit.com.br

Com relação aos serviços gráficos, recomendamos uma gráfica industrial, tanto para produção dos adesivos vinílicos quanto para a realização dos cortes dos cartonados e aglomerados em MDF a laser:

- *Júpiter Gráfica* - Rua 21 de abril – Bairro Afogados – Recife/PE
- *Maker Multigráfica* -Rua Visconde de Albuquerque nº 913- Bairro Madalena – Recife/PE

Com relação ao designer/montagem/artesania, contamos com os valiosos serviços de:

- Everton
- Evânia Maria Nemésio de Campos Silva
- Polyanne Barros de Lima

### **3 - DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO**

A História, como diria Durval Muniz Albuquerque Júnior (2007) é a arte de inventar o passado. Aqui buscamos gerar uma conexão de arte como na clássica afirmativa dos gregos, *poiesis*, isto é, produzir algo com fim de despertar o sentido do belo, sendo a invenção, vista como uma narrativa comprometida tanto com as expressões artísticas quanto com o auxílio das ciências, numa perspectiva interdisciplinar. Durante o processo de formatação do nosso produto, fomos influenciados por Benedetto Croce (2006), autor cujas reflexões nos lembram que a escrita da história tem um viés intrinsecamente contemporâneo, além de apontar para a interseção entre a ciência e ‘as belas-artes, sugerindo que não há poesia sem um complexo de imagens e um sentimento que o anima.

Buscando realizar uma tríade entre história, arte e educação, recorreremos a notas de Paulo Freire quando o mesmo frisa que a educação em si já é uma proposta artística, de criação e construção de conhecimentos. O autor acrescenta ainda que para fins de contribuir com a autonomia humana, devemos estar atentos para que a necessária promoção da ingenuidade à criticidade “[...] não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da *estética*”. (FREIRE, 1996, p. 15, grifo nosso). Nos valeu também a noção passada Elliot Eisner (2002, p. 6) de que o trabalho educativo com artes além de ser um mecanismo para criar produtos é também uma maneira de criar e recriar nossas vidas,

expandindo nossa consciência, estabelecer contato com os outros, e compartilhar traços de uma cultura.

Diante do mencionado, desenvolvemos o produto ao qual denominamos: *Tratados, Tributos e Tratantes (1808-1817): navegando, cavalgando e arruando pelos caminhos atlânticos de Henry Koster nas capitanias de Pernambuco* - que de maneira extraoficial, pode ser chamado carinhosamente de “Koster’s Game”, por ser um jogo de tabuleiro, que traz uma coleção de imagens ou um conjunto histórico-iconográfico, retratando informações, cenários, e personagens que atuaram direta ou indiretamente com o mediador cultural e intelectual orgânico Henry Koster. O jogo foi pensado para adolescentes entre 14 e 18 anos, que estejam cursando o ensino escolar básico, podendo ser utilizado também por graduandos dos cursos de humanidades.

Acreditamos que o produto, pode servir de instrumento pedagógico de mediação cultural na construção interativa de conhecimento, preferencialmente sob a tutela de uma professora ou professor, que deverá explicar aos estudantes questões sobre sincronismo e anacronismo, mudanças e permanências, respeito e dignidade à pessoa humana racismo estrutural, salientando que a aquisição de trabalhadores escravizados foi uma prática comum no século XIX, e que quando a mesma aparece como mecanismo de jogabilidade é, unicamente para que os estudantes tenham uma imersão no sistema político econômico dos oitocentos. A professora / professor ou mediadora /mediador deve esclarecer que práticas racistas, xenófobas, machistas são verificados ao longo do Capitalismo histórico, que devem ser visualizadas, com criticidade.

Percebamos que como em sua forma mais rudimentar, o pensamento é arte, a forma mais rudimentar da ação é o jogo, como diria Collingwood (2020, p. 86), toda a vida é uma aventura, e o espírito aventureiro, onde quer que seja encontrado, nunca está fora de lugar. É verdade que a vida é muito mais que isso; a vida nunca é, mesmo em seus momentos mais irresponsáveis, mera aventura; mas também o é; e por isso o espírito do jogo, o espírito da eterna juventude, é a fundação e o começo da vida real. Para a geração que nasceu no século XXI, onde a virtualidade, o imediatismo, e o individualismo acarretam em males como a depressão, o jogar de forma analógica pode resgatar laços mais fraternos, e o benefício do trabalho/ diversão em equipe, onde tomadas de decisões, erros e acertos podem ser desfrutados e ressignificados.

À minimização dos males como o isolamento, ansiedade e a depressão, são somados a outras práticas durante a aplicação do jogo, seja em uma aula ou em uma recreação: caberá ao responsável pelo grupo dispor de diálogos que prezem pelo acolhimento entre os participantes e caso haja equívocos de interpretações, contorná-los com instruções pertinentes, visto que esse simulacro de uma realidade pretérita deve estar em consonância com o presente e com o futuro, visando a formação cidadã, sem apologias a crimes ou quaisquer coisas contrárias ao Estado Democrático de Direito versado na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988; na mediação poderá ser trazidos à tona a necessidade do respeito a legislação e acordos internacionais que preguem a igualdade e o respeito entre os povos.

Sob a orientação de Poyatos, percebemos que mesmo que em meio a uma tendência gigantesca de adesão dos jovens situados entre 14 e 18 anos ao campo digital, notamos que há um nicho que se interessa por jogos que envolvam cartas, quase sempre de um universo ficcional como as das franquias *Pokémon* e de *Yu-Gi-Oh*, e que também apreciam jogos que envolvam tramas estratégicas baseadas em geopolítica como no caso do clássico *War*, lançado no Brasil pela Grow. Nosso intuito é estimular o crescimento de jogos de tabuleiros brasileiros, gerando conexões presenciais entre jogadoras e jogadores, visando que os mesmos unam um arcabouço cultural que possam melhorar sua desenvoltura escolar e até mesmo auxiliem nas realizações de exames que prezam por um raciocínio mais crítico como o Enem.

#### **4 -APRESENTAÇÃO DO PRODUTO**

No estilo “boarding Game”, *Tratados, Tributos e Tratantes (1808-1817): navegando, cavalgando e arruando pelos caminhos atlânticos de Henry Koster nas capitânicas de Pernambuco* composto por: A) Caixa-depósito; B) Mapa-tabuleiro, C) Tabuleiros-engenhos; D) Cartas; E) Peças / ícones; F) Manual de Instruções e G) Cartilha para sugestões e aprofundamentos, como veremos a seguir:

## Imagem nº 1 – Visão panorâmica do jogo completo



Fonte: Registrada pelo autor

### A) Caixa-depósito

A caixa, utilizada para abrigar peças e demais componentes do jogo, possui as dimensões 32,0 x 25,0 x 12,0 cm, impressos em frente e laterais com adesivos polivinílicos aplicados a um cartonado de papelão:

Imagem nº 2 - Tampa da caixa-depósito



Fonte: Acervo pessoal

Imagem nº 3 - Lateral da caixa-depósito



Fonte: Acervo pessoal

A caixa apresenta uma iconografia praticamente oriunda de obras de Koster, também publicadas originalmente em 1816, com exceção de duas embarcações nas laterais. Na parte superior, procuramos reproduzir as cores da bandeira pernambucana elaborada em 1817, sobrepondo imagens do nosso anglo-português. Detalhe em azul do mapa de Koster, com o título em amarelo, remetendo ao sol da bandeira. Abaixo, o subtítulo, em vermelho, como a cruz, ladeado por duas figuras. As laterais representam embarcações, a Lucy, na qual Koster veio para o Recife em 1809 e a outra uma embarcação “Tumbeira” trazendo pessoas escravizadas também ladeadas por imagens retiradas da obra do personagem principal.

## B) Mapa-tabuleiro

Desenvolvido especificamente para o nosso produto, teve por base o mapa original publicado por Henry Koster, *Plan of the Port of Pernambuco* -1816, contudo foi sendo

confeccionado a partir de informações cartográficas de cerca de duas dezenas de mapas, de origem nacional ou internacional. Para tanto tecemos um estudo minucioso em documentos como: *Atlas Histórico e Cartográfico do Recife*, de José Luiz da Motta Menezes -2017; *Plano do Porto e Praça de Pernambuco*, de José Fernandes Portugal – 1808; *Planta das Cidades do Recife, Olinda, e seus Arrabaldes*, - copiado por Ildefonso, 1860; *Mapas dos principais portos brasileiros em 1815* - de H. Lewis.

O resultado das compilações, e outros artifícios podem ser observados na imagem nº 4: um mapa lúdico, com dimensões de 64 cm x 50 cm, em papelão 40g (dobrável) com cores fortes e atrativas, cujos limites, entre as freguesias, bairros da vila de Santo Antônio do Recife e da Comarca de Olinda, não são necessariamente precisos, embora estejam bem próximos disso.

Imagem nº 4 – Mapa-tabuleiro



Fonte: Acervo pessoal

### C) Tabuleiros-engenhos:

O mapa-tabuleiro, aponta para a localização de alguns *engenhos*, com características peculiares, porém com uma destas em comum: foram visitados ou citados por Koster em suas caminhadas atlânticas, têm relação com algum agente estrangeiro que passou por Pernambuco ou seus proprietários tiveram algum papel relevante nos movimentos sociais e no desenvolvimento tecnológico do segmento econômico.

De forma a deixar o jogo mais atrativo, procuramos simbolicamente, reconstituir esses engenhos dando-lhes a formatação de tabuleiros, dialogando, pois com o mapa principal. Que denominamos de *tabuleiros-engenhos*, pensados e pesquisados a partir de obras como litografias, gravuras, aquarelas e pinturas que representassem engenhos, de Henry Koster, Emil Bauch, Luís Schlapriz, Johan Rugendas, Debret, Frans Post, Jesus e outros.

São em número de 12, com as proporções com 21 cm x 29 cm , impressos em frente e verso, confeccionados num misto de adesivos polivinílicos aplicados a um cartonado de papelão. Sua principal função é recepcionar as cartas e os seus produtos. As imagens nº 5, 6 e 7, exemplificam tais tabuleiros:

Imagem nº 5 - Tabuleiro-engenho Amparo, sob o fundo de obra de Henry Koster, 1816



Fonte: Acervo pessoal

Imagem nº 6 - Tabuleiro-engenho São Bento do Jaguaribe, sob o fundo de obra de Frans Post, 1647



Fonte: Acervo pessoal

Imagem nº 7 - Tabuleiro-engenho Mussurepe, sob o fundo de obra de Rugendas, 1835



Fonte: Acervo pessoal

Vale ressaltar que Engenho Amparo em Itamaracá (imagem nº 5), foi onde Koster, exerceu suas atividades de maneira mais estruturada como senhor daqueles domínios. Em relação aos Engenhos São Bento do Jaguaribe e Mussurepe (imagens nº 6 e 7) eram de propriedade da Ordem de São Bento de Olinda e Koster considerava os monges beneditinos os mais competentes administradores locais.

#### D) Cartas

##### ❖ *Cartas comuns:*

As cartas, divididas em categorias e subcategorias, foram confeccionadas em papel couchê com dimensões 63,5 x 88mm, cujos versos mostram um detalhe do mapa de Koster (em uma versão francesa) em cores diversas como na imagem nº 8:

Imagem nº 8 – Versos de cartas comuns



Fonte: Acervo pessoal

##### ✓ Cartas de fidelidade política - CFP

Cartas, conforme a imagem nº 9, que representam os quatro projetos de poder onde circulava Henry Koster: a ascensão do Império britânico ao topo interestatal do capitalismo (anverso ou frente com barras vermelhas e bandeira do Reino Unido Britânico); o declínio do Império português agora em sua metrópole pluricontinental (barras verdes no anverso e bandeira do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarves); o surgimento do Brasil, como Estado, tentando centralizar várias ex-colônias como uma Nação (barras verdes no anverso e bandeira do Brasil de 1822) e a recusa de Pernambuco em deixar de ser Capitania para ser província de uma ex-colônia (barras azuis no anverso e bandeira de Pernambuco de 1817).

Imagem nº 9 – Anverso de CFP's



Fonte: Acervo pessoal

As figuras em destaque, respectivamente, Rei George III, D. João VI, José Bonifácio de Andrada e Frei Caneca, representam alguns desses homens de letras, intelectuais orgânicos, negociantes, homens de grossa aventura ou ainda, pessoas ilustradas ou mediadores culturais que desejavam mudanças e que são os motores do capitalismo.

✓ Cartas de navegação/circulação - CNC

Representam as embarcações que traziam mercadorias diversas dos quatro cantos do globo para trocá-las ou negociá-las com os produtos coloniais brasileiro. Esses produtos são: vinhos, azeites, metais, porcelanas, infelizmente, dentre os objetos de troca dessas cartas, também é possível encontrar, em quantidade significativa, como existiam de fato em época, pessoas escravizadas - reiteramos que não devemos entrar em anacronismo, o jogo não faz apologia à escravidão.

Imagem nº 10 – Anversos de CNC's



Fonte: Acervo pessoal

✓ Cartas monumento - CM

Consideramos um monumento qualquer aparato natural ou que tenha sofrido alguma ação humana como pintura, escultura, paisagem etc., que represente uma homenagem a algum evento histórico representativo ou a alguma pessoa que tenha prestado algum serviço relevante em prol dele mesmo ou de algum grupo social. Tudo é relativo e depende da forma como pensamos.

Estas cartas foram divididas em quatro subtipos, em função das suas ações aplicadas: Cartas de Produção Econômica-CPE (verso verde e frente com bordas também verdes), Cartas de Tributação-CTR (verso amarelo e frente com bordas também amarelas), Cartas de Proteção Jurídica-CPJ (verso azul e frente com bordas também azuis) e Cartas de Libertação-CLB (verso vermelho e frente com bordas também vermelhas).

Imagem nº 11 – Anversos de CM's



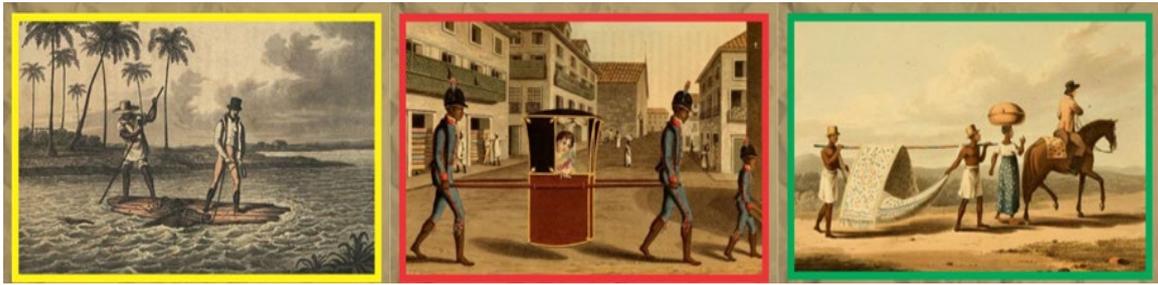
Fonte: Acervo pessoal

❖ *Cartas especiais*

✓ Cartas de negociação – CNG

Somente utilizadas na forma mais complexa do jogo, representam ações que podem ser tomadas em conjunto pelos jogadores.

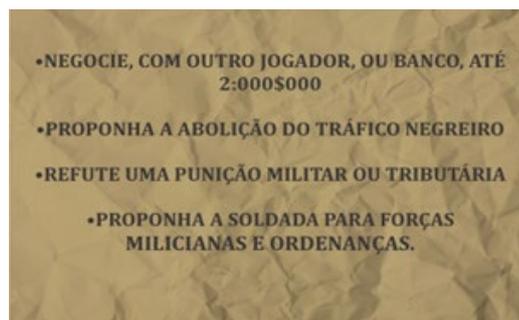
Imagem nº 12 – Anversos de CNG's



Fonte: Acervo pessoal

Somente utilizadas na forma mais complexa do jogo, representam ações que podem ser tomadas em conjunto pelos jogadores. Nos versos iconografia de Koster, de 1816, representando ações de arruar, cavalgar e navegar, conforme exemplo na imagem nº 13.

Imagem nº 13 – Verso de CNG

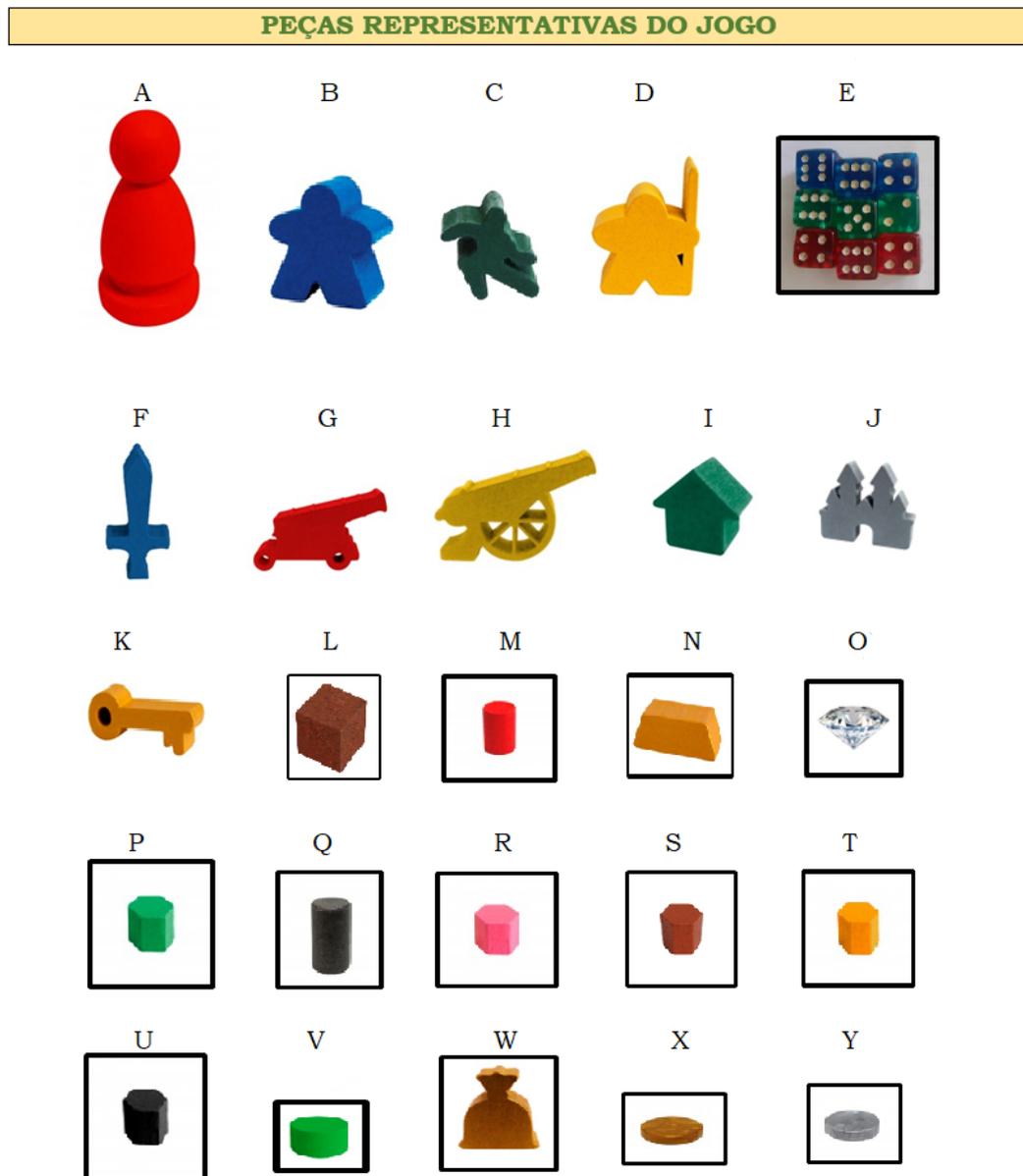


Fonte: Acervo pessoal

### E) Peças / ícones

Em jogos de tabuleiro é comum termos uma sequência de peças como os tradicionais pinos e dados, das mais diversas cores e tamanhos. Buscamos dar representatividades a algumas dessas peças (imagem nº 14) lembrando que pode haver desdobramentos das mesmas em outras colorações.

Imagem nº 14– Elenco de peças ícones

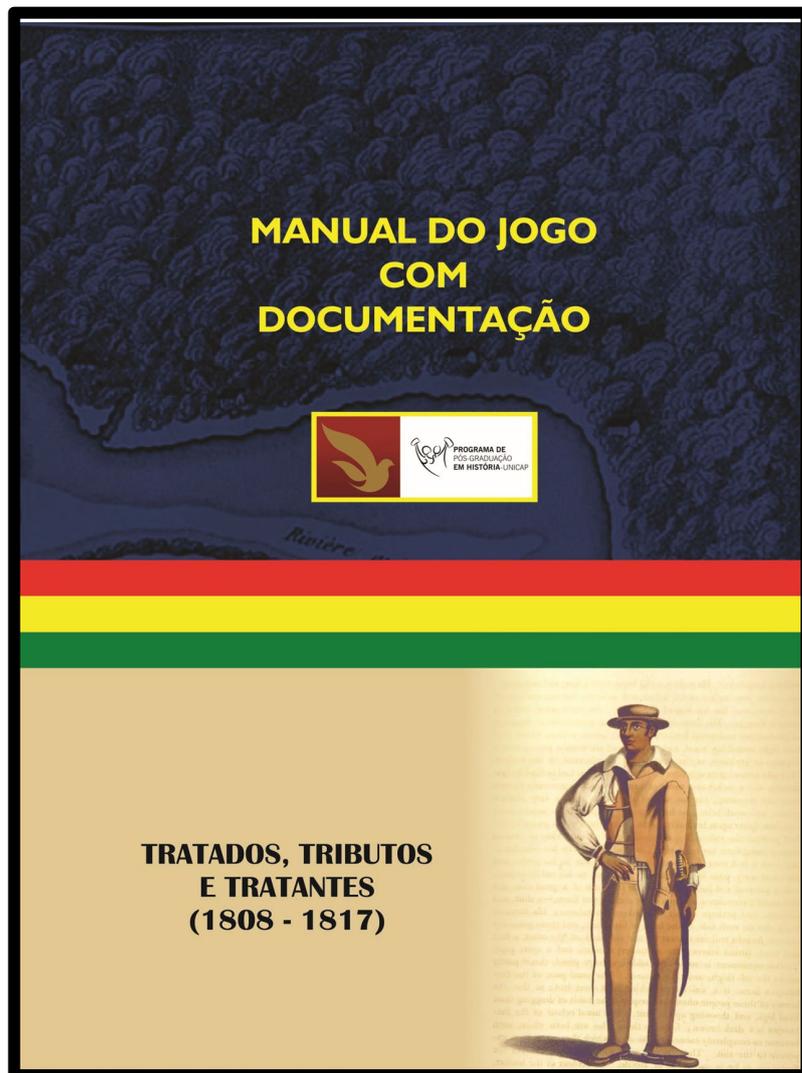
**LEGENDA:**

**A - Feitor ou o senhor de engenho; B - Trabalhador escravizado, crioulo ou ladino; C - Trabalhador livre e instruído; D - Soldado miliciano; E - Dados; F - Espada; G - Canhão pequeno; H - Canhão grande; I - Casa; J - Castelo; K - Chave; L - Charque; M - Pau-brasil; N - Ouro; O - Diamante; P - Açúcar branco; Q - Aguardente; R - Algodão; S - Couramas; T - Arroz; U - Fumo / tabaco; V - Tributo; W - Saco (para ouro em pó ou diamantes); X - Réis (1); Y - Réis (2).**

## F) Manual de instruções

Manual do jogo com documentação (regras e componentes complementares) para jogar com este mesmo material, em vários níveis: um modo mais simplificado, sem as *cartas de negociação* e outro mais complexo utilizando as utilizando. Confeccionado em papel A4, contém além de capa e contracapa, 36 páginas, como nos exemplos a seguir:

Imagem nº 15 - Capa do Manual de instruções



Fonte: Acervo pessoal

## Imagem nº 16 – Página de instruções

CADA UM DOS ATÉ 04 JOGADORES DISPORÁ NO SEU ESPAÇO EQUIVALENTE DO MAPA-TABULEIRO:

- 10 peças de Trabalhadores Escravizados Crioulos ou ladinos (cada pino representa 10 Trabalhadores) 
- 01 pino representando o feitor ou o senhor de engenho. 

FICAM À DISPOSIÇÃO DO BANCO DA INGLATERRA (PARA USO FUTURO DE CADA UM DOS JOGADORES), AS DEMAIS PEÇAS QUE SERÃO UTILIZADAS AO LONGO DA PARTIDA, INCLUSIVE (QUANTITATIVO POR JOGADOR):

- 10 peças representando Soldados Milicianos (cada pino representa 10 soldados) 
- 10 peças representando Trabalhadores Livres e Instruídos (cada peça representa 10 trabalhadores livres e instruídos) 
- 03 peças representando os diferentes avanços/estágios tecnológicos militares
  - Espada-1º nível; 
  - Canhão Pequeno-2º nível e 
  - Canhão Grande-3º nível) 
- 03 peças representando os diferentes avanços/estágios tecnológicos produtivos
  - (Casa-1º avanço (DA ENGENHOCA OU TRAPICHE DE CAVALOS AO TRAPICHE COM BOIS. 
  - Castelo-2º avanço (DO TRAPICHE COM BOIS AO ENGENHO REAL DE AGUAS) 
  - Chave de máquina a vapor-3º avanço. (DO ENGENHO REAL DE AGUAS AO ENGENHO A VAPOR). 

DISTRIBUINDO CARTAS COM OBJETIVOS ESPECÍFICOS (OPCIONAL)

Para aumentar a dificuldade do jogo, podem, opcionalmente, ser distribuídas cartas com objetivos específicos, inclusive podendo ser o mesmo para dois jogadores.

Fonte: Acervo pessoal

Sobre a Imagem nº 15, além de cores vibrantes, possui um detalhe de conteúdo: o título do manual “Tratados, tributos e tratantes (1808-1817) que aponta para um conjunto de regras e atores do universo oitocentista, já a imagem nº 16, com um fundo simulando papel envelhecido, apresenta explicações. Outras páginas do miolo, acompanham a mesma lógica, de oferecer subsídios teóricos ao bom desempenho das partidas, conforme elencado:

- a) Breve contextualização histórica;
- b) Conhecendo e praticando o jogo sem a utilização das cartas de negociação;
- c) Documentos do jogo;
- d) Preparação do material antes do jogo.
- e) Das regras e das sugestões de jogabilidade;
- f) Ações do jogo e objetivos;
- g) Objetivos específicos (competitivos) do jogo;
- h) Objetivos gerais (cooperativos) do jogo;
- i) Desenvolvimento do jogo;
- j) Fase 0 (1ª rodada);
- k) Fase 0 (2ª rodada em diante);
- l) Fase 1;
- m) Conhecendo e praticando o jogo com a utilização das cartas de negociação.
- n) Tabela de apoio ao jogo com conversões, produtos, tributações e outras referências.

### **G) Cartilha**

A cartilha possibilita tanto a jogadores quanto a mediadores, uma versão diminuta de nossa pesquisa. Prezando pela assertividade para com o jogo, o texto apresenta comentários sobre questões como: capitalismo, reformismo ilustrado português, projetos de poder, hibridizações culturais, antropizações, nacionalismos, etnicidades e uma série de fatores preponderantes século XIX; De forma geral, é mostrada a praça de Pernambuco, instituições de controles, fortificações e engenhos; A figura do Henry Koster / Henrique da Costa, incluindo dados biográficos e parentela, surge como personagem -anfitrião. Nesse sentido estende o convite:

- *A navegar* pelos portos de Liverpool e Pernambuco;
- *A arruar* pela Vila de Santo Antônio do Recife, como por células menores como as freguesias de Boa Vista, Santo Amaro das Salinas e arrabaldes;
- *A cavalgar* pelos sertões das capitanias de Pernambuco.

No decorrer das páginas, pode-se perceber uma série de atrativos como ilustrações; glossário; tabela para conversão de moedas, ouro e medidas nas colônias portuguesas (séculos XVIII e XIX) além de propostas pedagógicas:

Proposta I) - *Utilizar a cartilha, como um conjunto histórico-iconográfico de mediação cultural;*

Proposta II) - *Interpretar alternativas de jogabilidade observadas no manual e produzir estratégias.*

## II.i) Exemplo:

Associar as cartas de Fidelidade Política, com as Cartas Monumentos e as Cartas de Navegação

## II.ii) Na prática:

A Carta de Navegação “Espada de Ferro”, pode ser associada não só às Cartas de Fidelidade Política “Gervásio Pires” e “Cruz Cabugá”, como também às Cartas Monumentos “Igreja da Jaqueira”, “Matriz da Boa Vista” e “Fábrica de Tecidos”.

## II.iii) - Explicação histórica:

Gervásio Pires Ferreira era proprietário do “Espada de Ferro” e está sepultado na “Matriz da Boa Vista”, seu cunhado Bento José da Costa, foi sepultado na Capela da Igreja da Jaqueira, sítio herdado do pai de Gervásio, Domingos. No caso de Cruz Cabugá ele viajou para os Estados Unidos, em 1817, a bordo do Espada de Ferro, cedido por Gervásio.

Imagem nº 17 - Capa da Cartilha



Fonte: Acervo pessoal

## Imagem nº 18- Exemplo de página (miolo)

**HIBRIDIZAÇÕES CULTURAIS EM PERNAMBUCO: DE HENRY KOSTER A HENRIQUE DA COSTA**

Quem governava Pernambuco quando Koster chegou era Caetano Pinto Montenegro, ele sempre alertava a população que era por ocasião das festas que os escravizados fugiam ou articulavam tentativas de fuga. O jovem inglês sabia disso, tanto que, no início de sua estada, só confraternizou com a elite, seja nos veraneios e banhos de rio ou seja nas igrejas dos brancos.



Depois das missas e batizados, ele brincou em alguns democráticos entrudos, onde escravos e senhores, inclusive mulheres, participavam do mela-mela, com água, farinha e restos de comida.

A medida que se embrenhava pelos sertões, escoltado por Júlio e outros mestiços e mulatos, é que ele ia intensificando as suas relações com as camadas mais humildes. No início precisou visitar senhores de engenho, vestidos de ceroulas e envoltos em seus robes de chambre, além de entregar cartas de recomendação a vários negociantes de grosso trato e políticos.

Pouco a pouco, quando já estava no engenho do Jaguaribe, ele começou a ser convidado para festas populares. Participou de sambas, onde se tocava um tambor e um urikongo, de fandangos, de mamulengos.



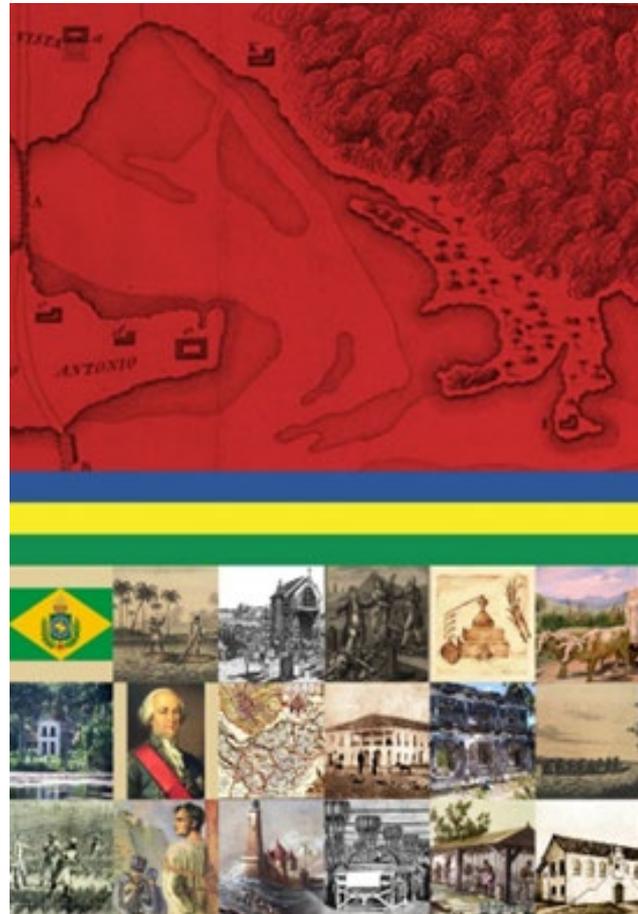
Em das festas era utilizada como bebida uma planta narcótica, a jurema preta, ainda hoje presente nos rituais sagrados e nas celebrações de caboclos nas matas do rio Catuçá, nas terras onde existiu o engenho Utinga. E a festa do *Malunguinho*, sincretismo cultural entre indígenas e negros que fugiam para o quilombo de mesmo nome nos tempos de Koster. *Malungo* era um vocábulo africano que significava amigo de viagem, termo utilizado por escravizados sobreviventes de algum tumbreiro.

Ao fim e ao cabo, após participar, como convidado, de uma porção de festas, no início só para brancos, e depois de ser aceito e respeitado pela sua própria comunidade e seus trabalhadores livres e escravizados, indígenas ou pretos, crioulos e ladinos ou até africanos.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem nº 19 - Contracapa



Fonte: Acervo pessoal

Frisemos que a cartilha, foi fabricada em papel A4. As Imagens nº 17, 18 e 19 dão uma mostra da capa e contracapa -que visualmente se complementam e compõem um quadro misto de ícones que permeiam tabuleiros, cartas entre outros elementos da pesquisa - e de uma das páginas do miolo – a que traz hibridizações vinculadas a Koster.

## 5 - APLICAÇÃO DO PRODUTO

Nosso produto apesar de ter um escopo clássico (*boarding game*), é inovador, principalmente pela temática. Além de agrupar uma imagética histórica respaldada pela academia, e jogabilidade pensada tanto para atuar no âmbito das informações e conceitos quanto com a própria iconografia. Parafraseando um antigo jingle, o jogo desponta como se “Pernambuco estivesse falando para o mundo”, que somos capazes de criar mecanismos de

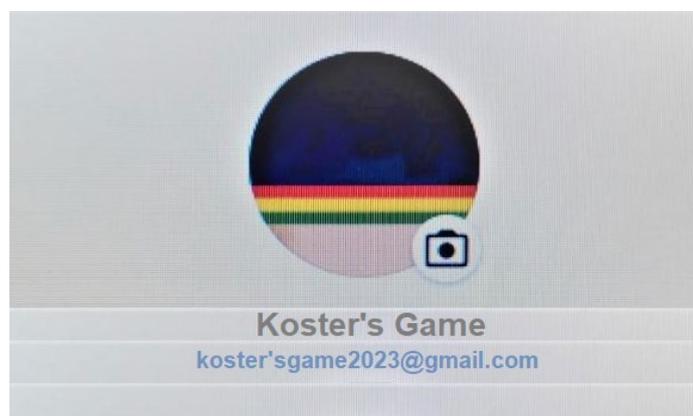
ludicidade de excelência, de acordo com hibridizações culturais, mas reforçando o entendimento de costumes e identidades locais.

Como estratégia de aplicação, em princípio manteremos contato com responsáveis pelo Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) de Universidades ligadas ao consórcio Universitas, como a Universidade Católica de Pernambuco (Unicap) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (Ufrpe) que possuem diretrizes de apoio tanto ao desenvolvimento de pesquisas históricas sobre “os oitocentos” quanto da promoção de projetos de aulas a partir do uso de jogos.

Nossa proposta é sensibilizar agentes do Pibid, para atuarem como mediadores na aplicação do jogo junto aos adolescentes das escolas vinculadas assistidas pelo referido programa. Contudo, estamos abertos a permitir que outras instituições façam uso do jogo, desde que concordem com as exigências intrínsecas. Escolas privadas, por exemplo, devem estar atentas ao fato que para a aplicabilidade do jogo se faz necessário a presença de um mediador capacitado, e de outras cláusulas que constarão em um termo de responsabilidade a ser assinado.

Tendo em vista que um produto destinado à educação, necessita de contínuos aperfeiçoamentos, disponibilizaremos um canal para comentários e sugestões sobre “*Tratados, Tributos e Tratantes (1808-1817): Navegando, Cavalgando e Arruando pelos caminhos atlânticos de Henry Koster nas capitanias de Pernambuco*”, apelidado de “Koster’s Game” : [koster'sgame2023@gmail.com](mailto:koster'sgame2023@gmail.com):

Imagem nº 20 – Canal para sugestões de melhoria



Fonte: Acervo pessoal

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado-Nação moderno batizado como Brasil, muito antes de surgir, já fazia parte de um sistema-mundo e “fez-se Império antes de se fazer Nação” (MELLO, 2002, p. 24). Nessa gestação prematura, sobrou para a principal capitania do norte, Pernambuco (CHAVES, 2021), a qual nesse processo de invenção das independências modernas, além de perder a metade do seu território, deixou de ter acesso direto ao centro do capitalismo tendo de se reportar aos traficantes de pessoas escravizadas e à burocracia da corte joanina, diante de uma fuga de capitais e força de trabalho e de tributos extorsivos.

As hibridizações culturais que orientaram o desenvolvimento histórico do capitalismo, em suas diversas conjunturas, sob uma perspectiva de longa duração, conspiraram para que tal fato acontecesse. No Brasil, as transições de colônia para império e deste para república, não levaram a um pacto federativo, mas sim a um falso federalismo republicano.

O objetivo maior deste relatório técnico foi tentar compreender, dentro das dimensões de uma História Cultural, e sob uma perspectiva de longa duração, como os discursos a respeito dos valores morais das economias políticas e da força de trabalho, de um determinado grupo, no caso o dos intelectuais orgânicos ou mediadores culturais, estrangeiros e locais, (homens de letras na sua época ou homens de fazer e de ciência), notadamente aqueles no topo interestatal da economia-mundo, influenciaram no desenvolvimento dos processos civilizadores e antropizantes, impostos pelo capitalismo histórico na formação das diversas identidades em Pernambuco e sua difícil integração como província de um Estado-Nação em desenvolvimento.

Mais especificamente buscamos: Compreender o grau de aderência das narrativas de Henry Koster ao pensamento conservador anglo-saxão e sua influência sobre as obras de autores locais; Visualizar as dinâmicas impostas pelos centros às periferias atlânticas principalmente as que envolviam relações de capital /trabalho, e Perceber questões sobre *Hibridizações Culturais Adaptativas* e a sua importância para o nosso futuro como integrante de um mundo institucional globalizado.

Com as pesquisas constantes nesse relatório pudemos dispor de mecanismos norteadores para desenvolver o produto “*Tratados, Tributos e Tratantes (1808-1817): Navegando, Cavalgando e Arruando pelos caminhos atlânticos de Henry Koster nas capitanias de Pernambuco*” com a qualidade solicitada pelo PPGH/UNICAP e reproduzi-lo quando

necessário - além de fornecer para o leitor com necessidades de aprofundamento um texto dissertativo como apêndice.

Aos futuros usuários do nosso produto, um conjunto histórico-iconográfico, capitaneado por um jogo de tabuleiro, desejamos que possam desfrutá-lo da melhor forma possível. Frisemos que o produto também carinhosamente apelidado de Koster's Game, contém uma caixa depósito que quando aberta, descortina-se para um universo de possibilidades que podem ser amplamente aproveitadas. Alertamos tanto aos jogadores quanto mediadores, que atentem bem para o significado das palavras em série *produzir, trocar, libertar!* - sugerimos em termos de jogabilidade:

- Utilizando o mapa-tabuleiro e os tabuleiros-engenhos, entender o processo histórico de urbanização na praça e no porto de Pernambuco;
- Durante as partidas, compreender algumas permanências existentes nos valores da Economia Política pernambucana e brasileira, como deixar de exportar apenas os excedentes, deixando a sua população com fome;
- Perceber que para acabar com a escravidão era necessário desenvolver tecnologias que aumentassem a produtividade dos engenhos. Era necessário não só produzir mais para libertar pessoas escravizadas como também qualificá-las, como enfatizou Robert Conrad ao afirmar que “[...] a moral da Economia Política nas colônias portuguesas da América não estava preparada para a substituição da sua força de trabalho, ou seja, ‘poucos brasileiros poderiam acreditar que a escravidão seria abolida em seu país dali a 80 anos’”. (CONRAD, 1985, p. 7).
- Durante o uso da Cartilha, é importante que o professor / mediador, consiga junto ao grupo de jogadores, interpretar o personagem principal, Henry Koster, como interlocutor de discursos dominadores, buscando um vínculo dos eventos do passado com o tempo presente. Assim entre Koster e aquilo que o circundava nos oitocentos: Poder entendê-lo sob a ótica de 4 projetos de poder, mesmo sob o peso do *fardo do homem branco*, cujo conservadorismo liberal queria, a todo custo, civilizar os bárbaros e temiam uma nova “haitianização”; Saber que houve oportunidades diversas nas grandes divergências e convergências enfrentadas pelas sociedades pernambucana e brasílica, nos processos dinâmicos que influenciaram (e ainda influenciam) na sua formação e na crise do modelo pós-moderno de Estado-Nação; Conseguir analisar os valores morais da Economia Política protestante e classista anglo-saxônica, contidos nas narrativas e discursos políticos do

viajante Henry Koster comparados com os valores morais da Economia Política católica e patriarcal latino-ibérica do hibridizado senhor de engenho Henrique da Costa; Verificar, a partir de Gramsci e Foucault, como esses valores morais são defendidos e reinventados, geração após geração, no imaginário discursivos dos intelectuais orgânicos, justificando e explicando os imperialismos britânico e francês, a partir do congresso de Viena em 1815, e que permaneceriam até a primeira guerra mundial, quando foram substituídos pelo modelo do imperialismo WASP norte-americano, inclusive com a invenção de uma “América Latina”;

Aos consigam avançar e chegar à Pesquisa Bibliográfica, apêndice I desse Relatório, a sua parte mais longa e teórica, espero que tenha contribuído para compreender melhor a história cultural pernambucana, onde a partir das noções de *longue durée* de Fernand Braudel economia-mundo e sistemas-mundo de Wallerstein e Arrighi, possamos também:

- Tentar entender os processos civilizatórios em suas temporalidades, quem são os bárbaros da vez, quais as novas formas de dominação, os novos desafios, utopias e esperanças. Ao fazê-lo ficamos próximos às raízes das nossas contemporaneidades;
- Compreender como os impérios ocidentais francês e britânico, nascidos irmãos normandos, lutaram entre si durante séculos, inclusive em terras pernambucanas e brasílicas, disputando a hegemonia do Capitalismo histórico, onde a ética protestante anglo-saxã, superou os valores morais do patriarcalismo católico-latino
- Ao utilizar as historicidades do capitalismo histórico, na longa duração, possamos perceber onde se localizava o espaço-território brasílico-pernambucano, durante o recorte (1809 – 1820), e qual foi a sua participação na história global, Comparando alguns padrões evolucionários, Silver e Arrighi chegam a conclusão de que o processo de ascensão do Império britânico à organização governamental líder do capitalismo histórico, em 1815 com o Congresso de Viena, originou-se de um processo sucessório dinâmico, no qual os sucedidos são as repúblicas unidas dos países-baixos (Holanda), em 1648 com o Tratado de Westfália, e os sucessores os Estados Unidos da América, com o fim da primeira guerra mundial em 1917.

Enfim, esperamos ter homenageado adequadamente, a figura de Henry Koster, colocando-o como um homem de seu tempo, incluindo aspectos contraditórios, cuja obra já vem por mais de 200 anos ajudando historiadores e outros cientistas a entender o desenvolvimento histórico de Pernambuco e conseqüentemente, do Brasil.

## 7- LISTAGEM DE ACERVOS E FONTES

### a) Obras de “viajantes” / mediadores culturais

- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- KOSTER, Henry. **Como melhorar a escravidão**. Natal: EDUFRN, 2003
- KOSTER, Henry. **Travels in Brazil**. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1816. Edição eletrônica Biblioteca Brasileira. Download em
- KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil**. Vol. I e II. Tradução de Luis da Câmara Cascudo em 1942. Recife: ABC Editora, 2003.
- KOSTER, John Theodore. **A short statement of the trade of gold bullion:** with an attempt to shell that bank notes are not depreciated. Londres: 1810.
- TOLLENARE, L.F. de. **Notas Dominicais**. Recife: EDUPE, 2011.

### b) Sites e blogs

- Atlas dos viajantes (<http://viajantes.bbm.usp.br>).
- Biblioteca Nacional Digital (<http://bndigital.bn.gov.br>).
- Marinha portuguesa (<http://www.marinha.pt/pt> )
- The priory and the cast iron shore” published by Glen Huntly. Liverpool.uk. (<https://thebirkenheadpriory.org/>).

## 8 -BIBLIOGRAFIA

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio **Tempo, duração e civilização**: percursos braudelianos.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **Braudel, o mundo e o Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da História. Bauru -SP: Edusc, 2007.
- ANDRADA E SILVA, José Bonifácio. **O Tráfico**. Representação à assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Brasil Sobre a Escravatura.
- ANDRADE, Manuel Correia. **A terra e o homem no nordeste**. São Paulo: Atlas, 1986.
- ANJOS, João Alfredo dos. **Koster e a escravidão negra na América**. Recife: PPGH/UFPE, Revista CLIO-Série História do Nordeste, nº 15, p. 99-112, 1994.
- ARMITAGE, David; SUBRAHMANYAM (orgs.). **The age of revolutions in global context**, c.1760-1840. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.
- ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A grande revolução inglesa, 1640-1780**: revolução inglesa e revolução industrial na construção da sociedade moderna. São Paulo: Hucitec, 1996.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O Brasil no comércio colonial**. São Paulo: Ática, 1980.
- BECKERT, Sven. **Empire of cotton**: a global history. New York: Vintage Books, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2020.
- BETHELL, Leslie. **Brazil by british and irish authors**. Oxford: Centre of brazilians studies, 2003.
- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **Manuel Arruda da Câmara**. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/manuel-arruda-da-camara/>. Acesso em: 23 dez. 2022.
- BOXER, Charles Ralph. **A idade de ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. Tradução de Nair de Lacerda. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BOXER, Charles Ralph. **O império marítimo português (1415-1825)**. Lisboa: edições 70, 2018.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV – XVIII**: vol. 3. O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BRESCIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2012.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**: Europa 1500-1800, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.
- BURKE, Peter. **O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag**. São Paulo: UNESP, 2020.
- BURKE, Peter. **O que história do conhecimento: vol. 1**.
- BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CABRAL, Diogo de Carvalho. **Na presença da floresta: mata atlântica e história colonial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- CABRAL, Flávio José Gomes. **Conversas reservadas: 'vozes públicas', conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da Independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.
- CABRAL, Flávio José Gomes. **Fontes pernambucanas para a história da independência do Brasil: (1810-1822)**. Recife: CEPE, 2014.
- CÂMARA, Manuel de Arruda da. **Obras Reunidas (c.1752-1811)**. Coligidas e com estudo biográfico de José Antônio Gonçalves de Mello. Recife: FCCR, 1982.
- CARVALHO, Marcus. **João Pataca e a sua "quadrilha mais mansa" do quilombo do catucá**. In: SOUZA, Laura de Mello; FURTADO, Júnia; BICALHO, Maria Fernanda. (orgs.) *O governo dos povos*. São Paulo: Alameda, 2009.
- CARVALHO, Marcus. **Liberdade: Rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822-1850**. 2ª ed. Recife: Universitária UFPE, 2010.
- CARVALHO, Marcus. **Os desembarques dos cativos africanos e as rotinas médicas no porto do Recife antes de 1831**. Guarulhos: Revista Almanack, n.12,p 44-65. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320161204>. Acesso em 10 set. 2020.
- CASCUDO, Luís da Câmara **Viajando o Sertão**. 1ª ed. digital. São Paulo: Global, 2015.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Sociologia do açúcar: pesquisa e dedução**. São Paulo: Global, 2020.
- CAVALCANTI, Vanildo B. **Olinda do Salvador do mundo: biografia da cidade**. Recife: ASA, 1986.
- CHECKLAND, Sydney G. **British public policy 1776-1939: an economical, social and politic perspective**. New York: Cambridge University Press, 1985.
- CHOMSKY, Noah, **Réquiem para o sonho americano: os 10 princípios de concentração de riqueza e poder**.2017.
- CHOMSKY, Noah. **Quem manda no mundo?**. Lisboa: Editorial Presença, 2016
- COLLINGWOOD, Robin George. **O mapa do conhecimento: speculum mentis**. Campinas: Kíron, 2020.
- CONRAD, Sebastian. **O que é a história global?** Lisboa: Edições 70, 2019.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Coroas de glória, lágrimas de sangue: a rebelião dos escravos de demerara**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos**. 1795-1817. Prefácio, aditamentos e correções de José Antônio Gonsalves de Mello. Vol 7. Coleção Pernambucana. Recife: FUNDARPE, 1984.
- COSTA, João. **Dicionário rural do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- COSTA, Wilma Peres. **Do domínio à nação**: os impasses da fiscalidade no processo de Independência. In: JANCSÓ, István (org.). **Brasil**: Formação do Estado e da Nação. São Paulo: Hucitec, 2003.
- COSTA, Wilma Peres; OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. (org.). **De um Império a outro**: Formação do Brasil, séculos XVIII e XIX. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.
- CROCE, Benedetto. **História como história da liberdade**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- DEAN, Warren. A ferro e fogo: **A história e a devastação da mata atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- DIAS, Érika Simone de Almeida Carlos. «**As pessoas mais distintas em qualidade e negócio**»: a Companhia de Comércio e as relações políticas entre Pernambuco e a Coroa no último quartel de Setecentos. Lisboa: UNL/FCSH. Tese de doutorado em História, 2014.
- DIAS, Maria Odila. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. São Paulo: Alameda, 2005.
- DIAS, Maria Odila. **O fardo do homem branco**. São Paulo: ,1974.
- DOBB, Maurice Herbert **A evolução do capitalismo**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.
- DOBB, Maurice Herbert. **Teorias do valor e distribuição desde Adam Smith**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.
- EÇA, Matias Aires Ramos da Silva de. **Reflexões sobre a vaidade dos homens**: ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- EISENSTADT, S.N. **As grandes revoluções e as civilizações da modernidade**. Lisboa: Edições70, 2011.
- EISNER, Elliot **Arts and creation of mind**. Londres Yale University Press, 2002 (livre tradução).
- ELIAS, Norbert **A Sociedade da Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar,
- ELIAS, Norbert **O Processo Civilizador**. Vol. I: Uma História dos Costumes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert **O Processo Civilizador**. Vol. II: Formação do estado e Civilização. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães — A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- FALCON, Francisco. **A Formação do Mundo Moderno**: A construção do Ocidente dos séculos XIV ao XVIII. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Vol. 1 e 2. 10ª ed. São Paulo: Globo, 2000.

- FERREZ, Gilberto. (org.) *Exposição comemorativa: iconografia do Recife século XIX*.
- FERRO, Marc **Cómo se cuenta la historia a los niños em el mundo entero**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Boa ventura! A corrida do ouro no Brasil (1697-1810): a cobiça que forjou um país, sustentou Portugal e inflamou o mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FRAGOSO, João Luís Ribeiro **A economia colonial brasileira: (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Atual, 1998.
- FRAGOSO, João Luís Ribeiro. **Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2013.
- FREYRE, Gilberto. **Guia prático histórico e sentimental da cidade do Recife**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 1ª ed. digital. São Paulo: Global, 2019.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- FURTADO, Celso. **Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FURTADO, Celso. **O capitalismo global**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GODINHO, Vitorino Magalhães. **Os Descobrimentos e a Economia Mundial. Vol. I, II e III**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1984 a 1987.
- GODOY, José Eduardo Pimentel de. **Naus no Brasil colônia**. Brasília: Senado Federal, 2017.
- GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. Ebook kindle.
- GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: História de uma mundialização**. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo: EDUSP, 2014.
- GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas & subúrbios históricos**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1973. <https://archive.org/details/velhasigrejasesu00guer>. Acesso em
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- HESPANHA, António Manuel **.As vésperas do Leviathan: instituições e poder político Portugal – séc. XVII**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.
- HESPANHA, António Manuel **.Caleidoscópico do antigo regime**. São Paulo: Alameda, 2012.
- HESPANHA, António Manuel. **O caleidoscópico do direito: o direito e a justiça nos dias e no mundo de hoje**. 2ª ed. Coimbra: Edições Almedina, 2019.
- HILL, Christopher. **O mundo de ponta cabeça**.

- HOBBSAWM, Eric. **En torno de las Orígenes de la revolución industrial**. 2ª ed. Buenos Aires: siglo veintiuno, 1972.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (Coord.) **História Geral da civilização brasileira: a época colonial**. 3.ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1973.
- HORA, Laura Patrícia Lopes da. **A praça é do povo como o céu é do condor**. Arborização do Recife no século XIX (1840-1880). Recife: UFPE, Dissertação de mestrado, 2015.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem: do feudalismo ao século XX**. 22ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2020.
- JACKS, Nilda. **Audiência nativa: cultura regional em tempos de globalização**. Porto Alegre: UFRGS, v2., n2, p. 1-15. Julho/dezembro, 1997.
- JANCSÓ, István (org.). **Brasil: Formação do Estado e da Nação**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.
- KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil no contexto da historia ocidental**. 8 ed. São Paulo: Atual, 2003.
- LAGO, Antônio Bernardino Pereira do. **Memória sobre o forte do mar em Pernambuco: acompanhada da planta e perfil**. In Revista trimestral do instituto historico, geographico e ethnographico do Brasil. Tomo XXV, vol. 25. Rio de Janeiro, 1862. Biblioteca digital. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630\\_1881\\_A00009.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1881_A00009.pdf). Acesso em 17 mai. 2021..
- LANDES, David. S. **A Riqueza e a pobreza das nações: por que algumas são tão ricas e outras tão pobres**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- LIMA, Lílian Martins de. **O Brasil na historiografia inglesa dos anos joaninos**. 2012. 165 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103102>>. Acessado em:
- LORENZI, Harri; LACERDA, Marco Túlio Côrtes de; BACHER, Luis Benedito. (orgs.) **Frutas no Brasil nativas e exóticas: de consumo e in natura**. São Paulo: IPEF, 2015.
- MACHADO, Néson José. **O conhecimento como um valor: as idéias de a-crescimento e de Commons**. Revista Cont. Fin. USP, v.26, n.67, p. 7-10, jan./fev./mar/abr./, 2015.
- MANCHESTER, Alan K. **Preeminência inglesa no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- MASI, Domenico de. **A Sociedade Pós-Industrial**. Vários Tradutores. 4. Ed, São Paulo: Senac, 2003.
- MAURO, Frédéric. **História econômica mundial (1790-1970)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MAURO, Frédéric. **Origens da desigualdade entre os povos da América**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MAXWELL, Kenneth. **Conflicts and conspirances: Brazil and Portugal, 1750-1808**. New York: Taylor and Francis, 2004.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **A educação pela guerra: leituras cruzadas de história colonial**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **A fronda dos mazombos**. São Paulo: Editora 34, 2012.

- MELLO, Evaldo Cabral de. **A outra independência**: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **O negócio do Brasil**: Portugal, os Países Baixos e o nordeste 1641-1669. 1ª ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2015.
- MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Inglese em Pernambuco**. Recife: IAHP, 1972.
- MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Obras Reunidas de Manuel Arruda da Câmara**. Recife: FCCR, 1982.
- MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Um mascate e o Recife**: a vida de Antônio Fernandes de Matos no período de 1671-1701. Recife: FCCR, 1981.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **O intendente Câmara**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.
- MEUNIER, Isabelle Maria Jacqueline; SILVA, Horivani Conceição Gomes da. **Horto Del' Rey Olinda, Pernambuco**: História, estado atual e potencialidades da cobertura vegetal de uma área verde urbana (quase) esquecida. Piracicaba: REVSBAU, v.4, n.2, p.62-81, 2009
- MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / Projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.
- MILL, Stuart. **A Liberdade do Utilitarismo**. Trad. Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)**.
- OLIVEIRA FILHO, Sergio Willian de Castro. Um anglo-lisboense no Brasil Joanino: escravidão, religião e política sob o olhar de Henry Koster. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v. 6, n. 2 ,mai -ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5548>. Acesso em: 23 dez. 2022
- OSÓRIO, Helen. **As Elites econômicas e a arrematação dos contratos reais**: o exemplo do Rio Grande do Sul (século XVIII). In: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.) **O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI – XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Ebook kinder, baixado em 2020.
- OSÓRIO, Helen. **Comerciantes do Rio Grande de São Pedro**: formação, recrutamento e negócios de um grupo mercantil da América Portuguesa. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v.20, n.39, 2000, pp. 99-134.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia; BURKE, Peter (orgs.) **Repensando os trópicos**: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: UNESP, 2009.
- PARRON, Tâmis. **A política da escravidão no império do Brasil, 1826-1865**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- PASSOS FILHO, Paulo de Barros. (org.) **Fauna ilustrada da fazenda Tamanduá**. Vinhedo: Avis Brasilis, 2015.
- PEREZ, Léa Freitas. **Festa, Religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.
- PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Tradução de Mônica Baumgarten de Bolle. 1º ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

- PIMENTA, Pedro Paulo. **David Hume sobre a teoria dos sentimentos morais, de Adam Smith**. São Paulo: USP/revista Rapsodia, v.1, 7, p.83-117. Acesso em 01 de outubro de 2020.
- POMERANZ, Kenneth. **A grande divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna**. Lisboa: Edições70, 2013.
- RADKAU, Joachim. **Nature and Power: a global history of environment**. New York: Cambridge University, 2008.
- RAWLS, John. **Conferências sobre a história da filosofia política**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- REIS, João José. **Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- REIS, José Carlos. Regimes de historicidade e historiografias. In: \_\_\_\_\_ **O lugar central da teoria-metodologia na cultura histórica**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RICARDO, David **The high price of Bullion, a proof of depreciation of banks notes**.
- RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- RODRIGUES NETO, Pedro de Souza. **Economia, moral e natureza humana em David Hume**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Salvador: UFBA. 2019. Disponível em: [https://ppgf.ufba.br/sites/ppgf.ufba.br/files/tese\\_de\\_pedro\\_netto.pdf](https://ppgf.ufba.br/sites/ppgf.ufba.br/files/tese_de_pedro_netto.pdf). Acesso em : 25 mai. 2022.
- ROMEIRO, Adriana. **Corrupção e poder no Brasil: uma história XVI a XVIII**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Edição digital.
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. **Histórias do Atlântico Português**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2021.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de Historia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Edição digital.
- SANJAD, Nelson Rodrigues. **Nos jardins de São José: uma história do Jardim Botânico do Grão-Pará (1796-1873)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNICAMP, 2001.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 31ªed. Rio de Janeiro: Record, 2020. São Paulo: editora 34, 2019.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Burocracia e sociedade no Brasil colonial: O tribunal superior da Bahia e seus desembargadores**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SETTE, Mário. **Arruar: História pitoresca do Recife Antigo**. 4 ed. CEPE: Recife, 2018.
- SILVA, Ana Rosa Clochet da. **Inventando a Nação: Intelectuais ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na crise do antigo regime português (1750-1822)**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Leonardo Dantas. **O Recife: imagens da cidade sereia**. Recife: PCR/Comunigraf, 1998.

SIMON, Mateus Samico **As “Matas imensas, Glória e Coroa de todos os bosques do mundo” e a zona da mata: sociedades, paisagens e recursos florestais na colonização do nordeste (1780-1808)**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: PPGH/UFPE, 2014.

SIMON, Mateus Samico. **O Jardim Botânico de Olinda (1811 – 1854)**. Monografia Bacharelado em História. Recife: PPGH/UFPE, 2010.

SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SOUSA, Octavio Tarquínio de. **O pensamento vivo de José Bonifácio**. São Paulo: Martins, 1965.

SOUZA, George Félix Cabral de. **Comerciantes de escravos em Pernambuco: (c1660-c1760)**. Aproximação a um grupo mercantil colonial. Recife: revista CLIO, v.37, jul-dez, 2019.

SOUZA, George Félix Cabral de. **Os homens e os modos de governança: a câmara municipal do Recife do século XVIII num fragmento da história das instituições municipais do império colonial português**. Recife: UFPE. Dissertação de mestrado em história, 2002.

SOUZA, George Félix Cabral de. **Tratos & Mofatras: o grupo mercantil do Recife colonial (c.1654-c.1759)**. Recife: Universitária UFPE, 2012.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

SOUZA, Laura de Mello e. **O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SPAIZMANN, Gabriela; SANSON, João Rogério. **Cairu e o liberalismo smithiano na abertura dos portos**. Porto Alegre: revista análise, v.17, n.2,p.258-273,2006.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. I – A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E.P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**.2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TIBBLES, Anthony. **Liverpool and the slave trade**. Liverpool: Liverpool University Press, 2018.

TOLLENARE, L.F. de. **Notas Dominicanas**. Recife: EDUPE, 2011.

VALIM, Patrícia. **Da sedição dos mulatos à conjuração baiana de 1798: a construção de uma memória histórica**. São Paulo: Dissertação de mestrado em História. FFLCH/USP, 2007.

VEIGA, José Eli da. **Do global ao local**. Campinas: Armazém do Ipê, 2005.

VIEIRA, Eurípedes Falcão. **Espaços econômicos: geoestratégia, poder e gestão do território**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2003.

VIERA, Jarbas Santos; FEIJÓ, José Roberto de Oliveira. **A base nacional comum curricular e o conhecimento como commodity**. Revista Educação Unisinos, v. 22, n.1, p. 35-43, jan-mar 2018. <https://doi.org/10.4013/edu.2018.221.14855>.

- VILAR, Pierre. **Crecimiento e Desarrollo**. Barcelona: Ariel, 1983.
- VILAR, Pierre. **Desenvolvimento econômico e análise histórica**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- VILAR, Pierre. **Ouro e Moeda na história (1450-1920)**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- WALLERSTEIN, Immanuel **O declínio do poder americano: os estados unidos em um mundo caótico**. Trad. Elsa T. S. Vieira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- WALLERSTEIN, Immanuel **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico e civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- WOODS JR. Thomas E. **Como a Igreja católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2019.
- WRIGHT, Edmund; LAW, Jonathan. **Dicionário de história do mundo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- XAVIER, Letícia Nacif. **Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações**. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. Ebook kindle.
- ZAIDAN, Michel. Economia e Moral. In: **Brasil247**. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/economia-e-moral>. Acesso em: 21 jan. 2022.

## **9 – APÊNDICE**

### **APÊNDICE I – CARTILHA**

Esta Cartilha é o apêndice I do Relatório Técnico de mestrado profissional do PPGH/UNICAP: **NAVEGANDO, ARRUANDO E CAVALGANDO PELOS CAMINHOS ATLÂNTICOS DO LUSO-BRITÂNICO HENRY KOSTER NAS CAPITANIAS DE PERNAMBUCO.**

### **APÊNDICE II – MANUAL DO JOGO COM DOCUMENTAÇÃO**

Este Manual é o apêndice II do Relatório Técnico de mestrado profissional do PPGH/UNICAP: **TRATADOS, TRIBUTOS E TRATANTES (1808-1817).**